



ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Internacional de Direito Pontifício

Número 86
Julho 2010



*Divina
vitalidade*

*Flashes
de Fátima*



*Servir a Deus
servindo o servo
dos servos de Deus*

A distância de cinco séculos, permanece imutável o espírito de fé que leva jovens suíços a deixarem a sua bela terra para virem prestar serviço ao Papa, no Vaticano. Igual é o amor pela Igreja Católica, à qual vós dais testemunho, mais do que com palavras, com as vossas pessoas, que, graças à vossa característica divisa, são bem reconhecíveis nas entradas do Vaticano e nas audiências pontifícias.

Os vossos históricos uniformes falam aos peregrinos e turistas de todas as partes do mundo de qualquer coisa que, apesar de tudo, não muda: falam do vosso empenho de servir a Deus servindo o servo dos servos de Deus.

Discurso aos novos
alabardeiros do corpo
da Guarda Suíça, na vigília
do juramento, 5/5/2008





Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XII nº 86 - Julho 2010

Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Guy Gabriel de Ridder, Juliane Vasconcelos A. Campos, Luis Alberto Blanco Cortés, Mariana Morazzani Arráz, Severiano Antonio de Oliveira

Editor:

Associação dos Custódios de Maria
R. Dr. António Cândido, 16
1050-076 Lisboa
I.C.S./D.R. nº 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.pt / www.arautos.org.br
E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Assinatura anual: 24 euros

Com a colaboração
da Associação
Privada Internacional de Fiéis
de Direito Pontifício

ARAUTOS DO EVANGELHO

Impressão e acabamento:

Pozzoni - Istituto Veneto
de Arti Grafiche S.p.A.

Via L. Einaudi, 12
36040 Brendola (VI)

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos,
desde que se indique a fonte e se envie cópia à
Redacção. O conteúdo das matérias assinadas
é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 40.000 exemplares

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4



A Santa Síndone –
Testemunha muda da
Ressurreição de Jesus 30

Divina vitalidade (Editorial) 5



A voz do Papa –
O sacerdote não pode
negligenciar sua própria
alma 6



São Leopoldo Mandić –
Apóstolo do confessionalário 36



Comentário ao Evangelho –
O amor imperfeito
de Maria e a preocupação
naturalista de Marta 10



Aconteceu na Igreja e
no mundo 40



Como membros de uma
mesma família 18



História para crianças... –
Pequenos sacrifícios... 46



Fiéis leigos na vinha
do Senhor 20



Os santos de
cada dia 48



Arautos no mundo 24



Estrelas, fogos e Paraíso 50

ESCREVEM OS LEITORES



SERIEDADE, RESPONSABILIDADE E HONESTIDADE

Reverendíssimo Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias,

Agradeço a V. Rv.^{ma} a deferência pela remessa da revista alusiva à centésima edição deste periódico mensal dos Arautos do Evangelho que, antes de ser um veículo de informação, formador de opinião e instrumento de divulgação da palavra divina, é o resultado de um trabalho pautado pela seriedade, responsabilidade e honestidade de propósitos, cuja sinergia estilística ímpar nos permite mergulhar em temas oportunos e repletos de ensinamentos para a caminhada cristã.

Desejo a V. Rv.^{ma} muitas felicidades, saúde e continuados sucessos nesta empreitada, materializada por páginas de fé, compaixão e amor ao próximo.

*Cel. Marcos Marques de Souza
Ch EM da 12ª Bda. Infantil
Leve (Aeromóvel)*

DOCTRINA FIEL E SEGURA

Agradeço o DVD enviado juntamente com a revista nº 100. Quero parabenizá-los pelo magnífico trabalho desta redação, expondo uma doutrina fiel e segura no resgate de tantas almas.

Admira-me e surpreende este exército de Maria, que caminha velozmente até os confins do mundo, dando um testemunho forte do que acontece na Igreja e no mundo. Alegro-me a extrema sabedoria e inteligência do Mons. João Scognamiglio Clá Dias em seus comentários sobre cada Evangelho, onde nos leva sempre a louvar e agradecer a Deus a cada momento!

Que vocês, Arautos do Evangelho, continuem sendo esta luz do mundo, como guerreiros, trilhando os caminhos mais tenebrosos, resgatando almas para Deus. Que Deus abençoe a todos e que esta revista continue sendo um canal de graças e um testemunho forte para o mundo!

*Maria de Lourdes Bof Giacomin, OFS
Vitória – ES*

QUISERA SER UM ARAUTO

Tenho doze anos. Minha avó recebe a revista *Arautos do Evangelho*, que me chamou muitíssimo a atenção. O que mais me impactou foi ver gente jovem trajando esse hábito tão bonito, enquanto tantos jovens se envergonham de nossa religião. Particularmente, eu quisera ser um Arauto.

*Carlos Castro
Guayaquil – Equador*

CHAVES E PORTAS

Pe. Lourenço Ferronato,

Recebo a revista *Arautos do Evangelho* e gosto muito das *Histórias para crianças*. Sempre que posso as leio para minha sobrinha e afilhada, de oito anos, e ela gosta bastante. Achei muito interessante a última, *A chave do Céu* de Frei Lourenço. Sei que o nosso mundo é tão difícil, e fiquei pensando sobre as “chaves” que nos foram dadas, se no momento do reencontro com Deus as nossas “chaves” serão capazes de abrir a porta celestial.

Mais para frente, neste número de maio, o senhor, que também é Lourenço, escreve sobre portas da terra e porta do Céu, e diz que elas são o elo entre ambientes diversos. E digo Céu e Terra, Deus e o homem, uma passagem. Jesus bate à porta e O deixo entrar, ou mergulho no mar das coisas do mundo e O

deixo à margem, do lado oposto dessa porta.

Confesso que antes não tinha pensado no valor de uma porta ou da abertura que a mesma possibilita para desvendar o que está após a soleira. Será que estamos abertos para as coisas de Deus, ultrapassamos esse vão e nos deixamos envolver pela luz divina que essa porta é capaz de irradiar? Acredito que realmente, como o senhor ensina, nossa Mãe Maria é essa nossa porta de acesso ao Filho, que nos levará ao nosso Pai.

*Eliane Maria Sousa Teixeira
São Luís – MA*

REVISTA ÍMPAR ENTRE OS PERIÓDICOS DA ÍNDIA

Esta revista é ímpar entre os periódicos cosmopolitas da Índia. Queria exprimir meu reconhecimento por sua revista, que recebi de um dos padres da Igreja Nossa Senhora de Lourdes. Tendo-a lido inteira, achei o conteúdo vivamente apresentado, e pude sentir nela a verdadeira presença de Deus e de nossa Mãe, Maria Auxílio dos Cristãos. Agradeço-lhes pela valorosa mensagem que transmitem aos seus leitores.

Tenho uma biblioteca filantrópica, na antiga casa da fazenda de meu pai, nas Ilhas Manori, aonde só se pode chegar por barco motorizado, a partir da Praia Marve. Queria receber a revista mensalmente para colocá-la nessa biblioteca, que atende idosos e órfãos, a fim de que eles possam conhecer o valor da comunidade católica inteira. E pode servir de meio de evangelização, uma vez que alguns deles são de outra crença. A revista é uma grande bênção de Nossa Senhora para estes nossos tempos conturbados e materialistas.

*Tyrone D'Souza
Mumbai – Índia*

DIVINA VITALIDADE

O Reino de Deus foi comparado a um grão de mostarda, “que, quando é semeado, é a menor de todas as sementes. Mas, depois de semeado, cresce, torna-se maior que todas as hortaliças e estende de tal modo os seus ramos, que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra” (Mc 4, 31-32).

Essa parábola, com diversas aplicações, refere-se particularmente à Santa Igreja Católica. Com efeito, da minúscula semente deixada na Terra por nosso Redentor — composta por apenas algumas dezenas de discípulos — cresceu uma árvore que se expandiu por todo o globo terrestre até abarcar mais de um bilhão de membros. Para chegar a isso, superou ela perseguições, viu impérios, regimes e civilizações surgirem e desaparecerem, assistiu enfim, serena e incólume, a catástrofes sem nome.

Seu contínuo florescer, mesmo em ambiente hostil, patenteia-se também em nossos dias. Em maio, quando a Igreja sofria ainda o cerrado ataque de certos órgãos da mídia, o povo acorreu às centenas de milhares às ruas de Lisboa e do Porto, e ao Santuário de Fátima, para prestar a Bento XVI sua solidariedade e suas entusiasmadas e carinhosas homenagens. “*Bento XVI – Nós confiamos em ti!*”, diziam algumas das faixas com que o Papa foi recebido.

Duas semanas depois, centenas de milhares de fiéis manifestavam em todo o mundo sua piedade eucarística. Em Brasília se celebrava o 16º Congresso Eucarístico Nacional, de cuja Missa de encerramento, presidida pelo Cardeal Cláudio Hummes, Legado Pontifício, participaram quase 100 mil fiéis. Na capital do Peru, realizava-se o I Congresso Eucarístico e Mariano de Lima (CEM 2010), a cujas atividades compareceram diariamente dezenas de milhares de fiéis, tendo como ponto culminante o Encontro com a Juventude, com mais de 100 mil jovens.

De 10 de abril a 23 de maio, a *Exposição 2010* do Santo Sudário, em Turim, atraiu mais de 2,1 milhões de pessoas, de todos os continentes, que formaram infindas filas, esperando seu turno para poder contemplar e venerar por alguns instantes a preciosa relíquia.

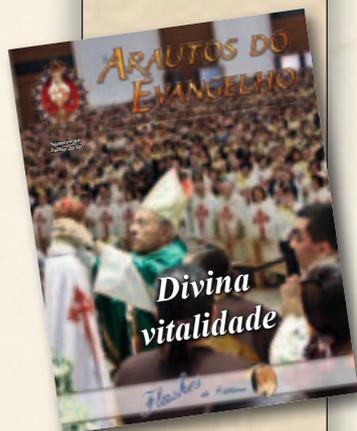
Na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, quinze mil presbíteros se uniram ao Papa, na Praça de São Pedro, na maior concelebração já ocorrida na Cidade Eterna, para o encerramento do Ano Sacerdotal, cujo objetivo foi promover a renovação espiritual do clero.

E, também em Fátima, quase dez mil pessoas lotaram a Igreja da Santíssima Trindade para o VIII Encontro do Apostolado do Oratório, presidido por D. Manuel Monteiro de Castro.

Todos esses são sinais, entre muitos outros, de que a frondosa árvore da Igreja — ao contrário de outras instituições — continua a crescer, resistindo, sobranceira, às investidas dos adversários.

Quem mantém sempre viva, atuante e em expansão a Esposa de Cristo? É o próprio Espírito Santo, que com o Seu sopro ininterrupto conserva, estimula, converte, ampara, recupera e santifica os membros desse Corpo Místico.

Aí está o segredo do desenvolvimento e robustez dessa Árvore sagrada que um dia foi semente: a seiva de sua vitalidade é divina, e não humana. A Igreja é sólida e indestrutível porque é sustentada pelo próprio Deus! ✧



D. Manuel Monteiro coroa a Imagem do Imaculado Coração de Maria no VIII Encontro do Apostolado do Oratório

(Foto: João Gabriel)



O sacerdote não pode negligenciar sua própria alma

Durante a vigília de encerramento do Ano Sacerdotal, presbíteros dos cinco continentes apresentaram filiais perguntas sobre temas relacionados com sua missão no mundo de hoje. Bento XVI respondeu-lhes com franqueza, sem evitar os aspectos mais dolorosos das questões.

Beatíssimo Padre, sou o Pe. José Eduardo de Oliveira e Silva, e venho do Brasil. Com toda a boa vontade, procuramos suprir as necessidades de uma sociedade muito mudada, já não inteiramente cristã, mas percebemos que nossa ação não é suficiente. Por onde ir, Santidade? Em qual direção?

[...] Penso ser importante, sobretudo, para os fiéis, ver que o sacerdote não é apenas um empregado, com algumas horas de trabalho e que depois fica livre e vive somente para si mesmo, mas que é um homem apaixonado por Cristo, portador do fogo do amor de Cristo. Se os fiéis o virem cheio da alegria de Cristo, compreenderão também que ele não pode fazer tudo, aceitarão suas limitações e o ajudarão.

Os pilares do nosso sacerdócio

Isto me parece o ponto mais importante: poder perceber e experi-

mentar que o pároco sente-se realmente um homem chamado pelo Senhor, cheio de amor a Deus e aos seus. Se houver isso, compreende-se que é impossível fazer tudo. Portanto, a primeira condição é estar cheio da alegria do Evangelho, com todo o nosso ser. Depois se devem fazer as opções, definir as prioridades, ver o que é possível ou impossível.

Eu diria que conhecemos as três prioridades fundamentais: são os três pilares do nosso ser sacerdote. Primeiro, a Eucaristia, os Sacramentos: tanto quanto possível, proporcionar a todos a Eucaristia, sobretudo a dominical, e celebrá-la de modo a tornar realmente visível o ato de amor de Deus por nós. Segundo, o anúncio da Palavra em todas as dimensões: desde o diálogo pessoal até a homilia. O terceiro ponto é a “caritas”, o amor de Cristo: estar junto aos sofredores, aos pequenos, aos meninos, às pessoas em dificuldades, aos marginalizados: tor-

nar presente, de fato, o amor do Bom Pastor.

Não negligenciar a própria alma

Além disso, uma prioridade muito importante é o relacionamento pessoal com Cristo. No Ofício Divino de 4 de novembro, lemos um belo texto de São Carlos Borromeo, grande pastor que realmente se deu por inteiro, e que nos diz a todos nós, sacerdotes: “Não descuides de tua própria alma; se descuidares de tua alma, não poderás dar aos outros o que deves dar. Portanto, também para ti mesmo, para tua alma, é preciso reservar um tempo”. Em outras palavras, o relacionamento com Cristo, o colóquio pessoal com Cristo é uma prioridade fundamental, é condição para nosso trabalho em favor dos outros!

E a oração não é algo secundário: rezar é propriamente a “profissão” do sacerdote, inclusive como representante das pessoas que não sabem



François Boulay

O Santo Padre entra na Praça de São Pedro a fim de dar início à vigília de orações por ocasião do encerramento do Ano Sacerdotal, no dia 10 de junho

ou não têm tempo de rezar. A prece pessoal, sobretudo a Liturgia das Horas, é nutrição fundamental para nossa alma, para toda a nossa atuação.

Por fim, reconhecer nossas limitações, abrir-nos também a essa humildade. Recordamos uma cena do Evangelho de Marcos na qual os discípulos estão “estressados”, querendo fazer tudo, e o Senhor lhes diz: “Vinde à parte, para algum lugar deserto, e descansai um pouco” (Mc 6, 31). Até isso é um trabalho, diria eu, pastoral: encontrar e ter a humildade, a coragem de repousar. Penso, pois, que a paixão pelo Senhor, o amor ao Senhor, nos mostra as prioridades, as opções, ajuda-nos a encontrar o caminho. O Senhor nos ajudará.

A VERDADEIRA TEOLOGIA PROVÉM DO AMOR DE DEUS

**Santidade, sou Mathias Agnero
e venho da Costa do Marfim.**

**Parece-nos que se criou
uma ruptura entre teologia e
doutrina, e mais ainda, entre
teologia e espiritualidade. A
consequência é a proliferação
de opiniões subjetivas que
permitem a entrada, mesmo na
Igreja, de um pensamento não
católico. Como fazer para não
nos desorientarmos em nossa
vida e em nosso ministério
quando é o mundo que julga
a Fé, e não vice-versa?**

O senhor toca num problema muito difícil e doloroso. Há realmente uma teologia que procura, sobretudo, ser acadêmica, parecer científica, e esquece a realidade vital, a presença de Deus, sua presença entre nós, sua maneira de falar nos dias de hoje, não somente no passado.

A arrogância da razão

Já São Boaventura distinguia no seu tempo duas formas de teo-

logia. Disse ele: “Há uma teologia que provém da arrogância da razão, quer dominar tudo, faz Deus passar de sujeito ao objeto que estudamos, quando Ele deveria ser sujeito que nos fala e nos guia”. Existe realmente esse abuso da teologia, que é arrogância da razão e não nutre a fé, mas obscurece a presença de Deus no mundo.

Há também uma teologia desejosa de conhecer mais, por amor ao amado, é estimulada pelo amor, guiada pelo amor, quer conhecer melhor o amado. Essa é a verdadeira teologia, que provém do amor de Deus e deseja entrar mais profundamente em comunhão com Cristo.

De fato, são grandes as tentações hoje; sobretudo, impõe-se a assim chamada “visão moderna do mundo” (Bultmann, “*modernes Weltbild*”), que se torna o critério de tudo quanto seria possível ou impossível. E assim, com esse critério de que tudo é como sempre, de que todos os acon-

tecimentos históricos são do mesmo gênero, exclui-se precisamente a novidade do Evangelho, exclui-se a irrupção de Deus, a verdadeira novidade que é a alegria da nossa Fé.

Insuficiência e debilidade do positivismo

O que fazer? Antes de tudo, eu diria aos teólogos: “Tenham coragem”. E gostaria de dizer também “muito obrigado” a tantos teólogos que fazem um bom trabalho. Há abusos nessa matéria — nós o sabemos —, mas em todas as partes do mundo há muitos teólogos que vivem verdadeiramente da Palavra de Deus, nutrem-se da meditação, vivem a Fé da Igreja e querem colaborar para que a Fé esteja presente em nossos dias. A esses teólogos, gostaria de dizer um grande “obrigado”.

Aos teólogos em geral, eu diria: “Não tenham medo desse fantasma da cientificidade!”. Eu comecei a estudar teologia em janeiro de 1946. Vi, portanto, quase três gerações de teólogos e posso dizer: as hipóteses que naquele tempo, e depois nos anos 60 e 80, eram as mais novas, absolutamente científicas, quase dogmáticas, envelheceram nesse ínterim e não valem mais! Muitas delas parecem quase ridículas.

Tenham, portanto, a coragem de resistir à aparente cientificidade, de não submeter-se a todas as hipóteses do momento, mas de pensar realmente a partir da grande Fé da Igreja, que está presente em todos os tempos e nos dá acesso à verdade. Sobretudo, não pensem que a razão positivista, a qual exclui o transcendente — que não pode ser acessível —, é a verdadeira razão. Essa razão débil que apresenta apenas as coisas experimentais é de fato uma razão insuficiente.

Nós, teólogos, devemos usar a razão ampla, aberta à grande-

za de Deus. Devemos ter a coragem de ir para além do positivismo, até a questão das raízes do ser. Isto me parece de grande importância. É necessário, portanto, ter a coragem da razão grande, ampla, ter a humildade de não submeter-se a todas as hipóteses do momento, de viver da grande Fé da Igreja de todos os tempos. Não existe uma maioria contra a maioria dos Santos: a autêntica maioria é a dos Santos na Igreja, e pelos Santos devemos nos orientar!

A Igreja garante a presença da Palavra de Deus

Digo o mesmo aos seminaristas e sacerdotes: tomem em consideração que a Sagrada Escritura não é um livro isolado: é vivente na comunidade viva da Igreja, que é o mesmo sujeito em todos os séculos e assegura a presença da Palavra de Deus. O Senhor deu-nos a Igreja como sujeito vivo, com a estrutura dos Bispos em comunhão com o Papa, e essa grande realidade dos Bispos do mundo em comunhão com o Papa nos garante o testemunho da verdade permanente. Temos confiança nesse Magistério permanente da comunhão dos Bispos com o Papa, que nos representa a presença da Palavra. Além disso, confiamos também

na vida da Igreja e, sobretudo, devemos ser críticos.

Certamente a formação teológica — gostaria de dizer isso aos seminaristas — é muito importante. Em nosso tempo, devemos conhecer bem a Sagrada Escritura, inclusive contra os ataques das seitas; precisamos ser, de fato, amigos da Palavra. Devemos conhecer também as opiniões de nossa época, para poder responder racionalmente, para poder dar “razão da nossa Fé”, como diz São Pedro.

O Catecismo contém a síntese da nossa Fé

A formação é muito importante. Mas devemos ser igualmente críticos: o critério da Fé serve para ver também os teólogos e a teologia. O Papa João Paulo II deu-nos um critério absolutamente seguro, no *Catecismo da Igreja Católica*: vemos ali a síntese da nossa Fé, e esse Catecismo é deveras o critério para observarmos aonde vai uma teologia aceitável ou não aceitável.

Recomendo, pois, a leitura, o estudo desse texto, e podemos assim avançar com uma teologia crítica no sentido positivo, isto é, crítica contra as tendências da moda e aberta às verdadeiras novidades, à profundidade inexaurível da Palavra de Deus, que se revela nova em todos os tempos, inclusive no nosso.

O CELIBATO É UM GRANDE SINAL DA FÉ

Santo Padre, sou Karol Miklosko, venho da Eslováquia e sou missionário na Rússia. Com suas naturais dificuldades, o celibato parece-me óbvio, olhando para Cristo, mas sinto-me perturbado ao ler tantas críticas mundanas a esse dom. Peço-lhe humildemente, Santo Padre, que nos ilumine sobre a profundidade e o



Sacerdotes de diversos continentes apresentam filiais perguntas ao Santo Padre



autêntico significado do celibato eclesiástico.

Franois Bouley



“E a oração não é algo secundário: rezar é propriamente a “profissão” do sacerdote”

[...] Nesse sentido, o celibato é uma antecipação. Transcendamos este tempo e avancemos, e nos “lancemos” assim, nós mesmos e o nosso tempo, rumo ao mundo da ressurreição, rumo à novidade de Cristo, rumo à nova e verdadeira vida. O celibato é, pois, uma antecipação possibilitada pela graça do Senhor que nos “arrasta” para Si, rumo ao mundo da ressurreição; convida-nos sempre de

novo a transcendermos a nós mesmos, a este presente, rumo ao verdadeiro presente do futuro, que se torna presente hoje.

E chegamos aqui a um ponto muito importante. Um grande problema da cristandade no mundo de hoje é que não se pensa mais no futuro de Deus: parece que é suficiente apenas o presente deste mundo. Queremos ter apenas este mundo, viver apenas neste mundo. Assim, fechamos as portas à verdadeira grandeza de nossa existência.

O significado do celibato como antecipação do futuro é precisamente abrir essas portas, tornar maior o mundo, mostrar a realidade do futuro vivido por nós já como presente. Viver assim, portanto, num testemunho da Fé: creio realmente que Deus existe, que entra na minha vida, que posso alicerçar minha vida em Cristo, na vida futura.

O “sim” do celibato confirma o “sim” do matrimônio

E conheçamos agora as críticas mundanas, das quais o senhor falou. É verdade que, para o mundo

agnóstico, o mundo sem Deus, o celibato é um grande escândalo, porque mostra que Deus é considerado e vivido como realidade. Com a vida escatológica do celibato, o mundo futuro de Deus entra nas realidades do nosso tempo. E isso deveria desaparecer!

Em certo sentido, essa crítica permanente contra o celibato pode surpreender, numa época em que cada vez mais está na moda não casar-se. Mas esse não casar-se é total e fundamentalmente diferente do celibato, porque baseia-se na vontade de viver só para si mesmo, de recusar qualquer vínculo definitivo, de levar uma vida de inteira autonomia, de decidir a todo instante como fazer, que coisa colher da vida. É, portanto, um “não” ao vínculo, um “não” ao definitivo, um possuir a vida apenas para si mesmo.

O celibato é exatamente o contrário: é um “sim” definitivo, um deixar-se tomar nas mãos por Deus, entregar-se nas mãos do Senhor, no seu “eu”. É, pois, um ato de fidelidade e de confiança, um ato que supõe também a fidelidade do matrimônio; é precisamente o contrário da-

quele “não”, daquela autonomia que não quer obrigar-se, que não quer aceitar um vínculo; é propriamente o “sim” definitivo que supõe e confirma o “sim” definitivo do matrimônio.

E esse matrimônio é a forma bíblica, a forma natural do ser homem e mulher, fundamento da grande cultura cristã, das grandes culturas do mundo. E se isso desaparecer, estará destruída a raiz da nossa cultura. Desse modo, o celibato confirma o “sim”

do matrimônio com o seu “sim” ao mundo futuro, e assim queremos avançar e tornar presente esse escândalo de uma Fé cuja existência inteira está baseada em Deus.

A força de nossa vida se alicerça em Cristo Jesus

Sabemos que, a par desse grande escândalo que o mundo não quer ver, há também os escândalos secundários das nossas insuficiências, dos nossos pecados, que obscurecem o verdadeiro e grande escândalo e fazem pensar: “Mas eles não vivem realmente com fundamento em Deus!”.

Mas há tanta fidelidade! O celibato — as próprias críticas o demonstram — é um grande sinal da Fé, da presença de Deus no mundo. Roguemos ao Senhor que nos ajude a nos livrarmos dos escândalos secundários, para tornar presente o grande escândalo da nossa Fé: a confiança, a força da nossa vida, que se alicerça em Deus e em Cristo Jesus! ✧

(Excertos do colóquio do Santo Padre com os sacerdotes, 10/6/2010 – Tradução: Aarautos do Evangelho)

Todos os direitos sobre os documentos pontifícios estão reservados à Libreria Editrice Vaticana. A íntegra dos documentos acima pode ser encontrada em www.vatican.va

O amor imperfeito de Maria e a preocupação naturalista de Marta

Há neste Evangelho uma lição para as almas “Marta”, e também para as almas “Maria”. Às primeiras, ensina Jesus que uma só coisa é necessária: o amor; e às segundas, que não podem desprezar a parte menos elevada.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – DEUS NOS CRIOU PARA A ETERNIDADE

Em razão de nossa natureza humana, somos mais tendentes a prestar atenção nas coisas materiais, acessíveis aos sentidos, do que nas espirituais.

Ora, Deus nos criou para a eternidade e, para alcançarmos a bem-aventurança eterna, não importam tanto os nossos atos externos quanto nossos méritos, virtudes e correspondência aos dons d’Ele recebidos. Trata-se, portanto, de vencer esse pendor instintivo para o que é inferior e procurar sempre aquilo que é transcendente.

Importa isso em desprezar tudo quanto é palpável e entregar-nos exclusivamente ao estudo e à oração? Devemos deixar de lado toda e qualquer atividade concreta, inclusive as mais nobres e necessárias, a fim de jamais perdermos o contato com o sobrenatural?

O Evangelho de hoje tem por cerne essa problemática. Nele, São Lucas apresenta em poucas linhas, com inspirada pena, as figuras de

Marta e de Maria, símbolos da vida ativa e da contemplativa.

II – MARTA E MARIA

“Naquele tempo, ³⁸ Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, recebeu-O em sua casa”.

Os irmãos Lázaro, Marta e Maria pertenciam a uma das melhores famílias da Palestina e possuíam inúmeros bens, entre eles a confortável herdade de Betânia, distante uns três quilômetros de Jerusalém.¹

O episódio narrado no Evangelho de hoje corresponde a uma das estadias de Jesus nessa aldeia. Dirigia-se de Jericó a Jerusalém e aproveitou o ensejo para fazer uma visita àquela família unida a Ele por estreita amizade. A moradia de Marta em Betânia era um lugar aprazível e recolhido, próprio ao repouso de Nosso Senhor, como salienta o exegeta jesuíta Truyols:

*A moradia
de Betânia
era um lugar
muito próprio
ao repouso de
Nosso Senhor*



EVANGELHO

“Naquele tempo, ³⁸ Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, recebeu-O em sua casa. ³⁹ Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e escutava a Sua palavra. ⁴⁰ Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres. Ela aproximou-se e disse: ‘Senhor, não Te importas que

minha irmã me deixe sozinha, com todo o serviço? Manda que ela me venha ajudar!’ . ⁴¹ O Senhor, porém, lhe respondeu: ‘Marta, Marta! Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas. ⁴² Porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada’” (Lc 10, 38-42).

“No ambiente de paz e de santo deleite que se respirava na casa de Marta, Maria e seu irmão Lázaro, na intimidade de uma inocente confiança, encontrava Jesus algum descanso das contínuas hostilidades, embustes e malevolências de seus inimigos”.²

Bem podemos imaginar a felicidade dessa família ao receber o Divino Hóspede, dispensando-Lhe os melhores cuidados.

A Maria só interessava o Divino Mestre

³⁹ “Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e escutava a Sua palavra”.

Chegando a Betânia, após os calorosos cumprimentos e as habituais abluções, Jesus deve ter-Se recostado, como era costume, em uma espécie de divã. Ou talvez, como imagina o mesmo Truylols, tivesse tomado assento embaixo da parreira, no jardim da casa, enquanto se preparava a refeição.

Maria logo se pôs a seus pés, haurindo com amorosa admiração os divinos ensinamentos. Ali estava o Homem a cuja palavra as tempestades obedeciam; que ameaçava os ventos, e eles amainavam; olhava para os mares encapelados, e eles se aquietavam; dava ordem à lepra, e ela desaparecia; tocava nos ouvidos de um surdo e este ficava curado...

Acima: “Cristo na Casa de Marta e Maria”, por Giovanni da Milano - Igreja da Santa Cruz, Florença

*Ao
acolhermos
alguém
superior a
nós, a maior
preocupação
não deve
ser a das
providências
práticas, mas
sim a de bem
aproveitar a
sua presença*

Enlevada com o Divino Mestre, Maria por nada mais se interessava. Deixando de lado qualquer outra preocupação — inclusive aquelas referentes ao atendimento do Senhor — permanece ela junto a Jesus, de olhos fixos n'Ele.

Cabe notar, como bem observa Maldonado, que Cristo, “mal entrara na casa, começou Sua tarefa de ensinar as coisas divinas, desejoso de alimentar com esse manjar espiritual aquelas que iam proporcionar-Lhe o alimento corporal”.³ Dessa atitude extrai São Cirilo uma bela lição: com Seu exemplo, Jesus “ensina a seus discípulos como devem proceder nas casas onde são recebidos, para que não fiquem ali ociosos, mas sim dando santos e divinos ensinamentos àqueles que os acolhem”.⁴

Marta afana-se para dar ao Mestre uma recepção à altura

^{40a} “Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres”.

Correspondia a Marta, como irmã mais velha, fazer as honras da casa. De muito boa educação, queria proporcionar ótima acolhida ao Divino Mestre. Por isso, não deixava aos empregados a função de atendê-Lo. Além do mais, segundo as boas normas vigentes na época, uma visita de categoria deveria ser servida pelos próprios anfitriões.

Marta, afirma Santo Agostinho, “demonstra uma generosa hospitalidade ao receber Jesus em sua casa; esta é uma grande obra, pois está preparando a refeição para o Santo dos Santos e para os seus santos”.⁵

Ora, Nosso Senhor viajava acompanhado dos Apóstolos e discípulos, e talvez tivesse chegado de improviso. Para dar-Lhe uma recepção à altura, não havia tempo a perder, motivo pelo qual Marta “estava ocupada com muitos afazeres” e sentia a falta de outros braços com os quais dividir o encargo. Maria, entretanto, tomada de alegria pela presença do Divino Mestre, havia esquecido por completo suas obrigações de anfitriã, deixando todo o serviço a cargo da irmã.

A recepção deve começar na própria alma

^{40b} “Ela aproximou-se e disse: ‘Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha, com todo o serviço? Manda que ela me venha ajudar!’”.

Não seria segundo a boa educação Marta chamar a atenção da irmã diante de uma visita, sobretudo em se tratando de Nosso Senhor. Por isso, dirige-se a Ele com nobre delicadeza feminina, por meio de uma pergunta, para suplicar-Lhe Sua intervenção. O pedido, de todo razoável naquelas circunstâncias, é formulado de forma muito elegante e gentil, pois reconhece a autoridade do Divino Mestre e deixa a última palavra em Suas divinas mãos.

Entretanto, provavelmente de modo não consciente, estava Marta atribuindo aos cuidados práticos um valor superior ao próprio Divino Hóspede. Pois suas queixas em relação a Maria atingiam indiretamente o próprio Jesus “que, ao conversar com ela, parecia aprovar o seu proceder”, como bem sublinha o conceituado Fillion.⁶ Quiçá sem perceber, Marta faltava com o Primeiro Mandamento da Lei de Deus. E Nosso Senhor vai adverti-la com muita suavidade.

A mais velha das duas irmãs, observa Santo Agostinho, “servia bem o Senhor, relativamente à necessidade do corpo [...]; entretanto, quem ali estava em carne mortal, desde o princípio era o Verbo”.⁷

Ora, quando acolhemos alguém superior a nós, a maior preocupação não deve ser a das providências práticas, mas sim a de bem aproveitar a sua presença. Sendo aquele hóspede a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, a boa recepção precisa começar na própria alma, reconhecendo quem Ele é. O desejo de oferecer-Lhe uma boa refeição virá depois, como corolário.

Nessa ocasião, sublinha Santo Agostinho, “Maria estava pendente da doçura da palavra do Senhor. Marta pensava em como alimentá-Lo, Maria em como ser por Ele alimentada. Marta preparava para o Senhor um banquete, Maria já desfrutava do banquete do mesmo Senhor”.⁸ E São Bernardo comenta, com muita propriedade: “Uma e outra receberam o Verbo: Maria no espírito, Marta na carne”.⁹

Amorosa repreensão de Jesus

^{41a} “O Senhor, porém, lhe respondeu: ‘Marta, Marta!’”.

Nosso Senhor vira perfeitamente a situação de Marta, mas nada dissera. Porém, quando ela tenta tirar Maria do Seu lado, Ele a repreende dizendo: “Marta, Marta!”.

Como terá pronunciado Jesus essas palavras? Qual a inflexão de Sua voz? Deve ter sido solene, majestosa, mas cheia de afeto! E por certo, ao mesmo tempo, tocara-lhe a alma com uma graça, para ela compreender a fundo o significado da divina resposta.

É curioso notar que, depois da Ressurreição, quando Nosso Senhor Se dirige a Maria Madalena, Ele não repete seu nome. Diz apenas: “Maria”. E ela imediatamente exclama: “Raboni!” (Jo 20, 16). Bastou-lhe ouvir uma só vez o seu nome para entrar em inteira consonância com o Mestre. Em Betânia, entretanto, Ele sentiu necessidade de repetir: “Marta, Marta!”.

Na Sagrada Escritura nada há de supérfluo, e até pequenos detalhes como este revelam um universo de doutrina.

Por que dizer a uma “Marta, Marta”, e à outra somente “Maria”? Os episódios protagonizados pelas duas irmãs refletem estados de espírito quase contrapostos. No primeiro, Nosso Senhor precisa repetir o nome de Marta como “sinal de afeto e advertência a respeito de um ponto grave”,¹⁰ porque as pessoas engolfadas em questões práticas têm geralmente tendência a não ouvir. Estando, por assim dizer, imersas numa espécie de sono interior, não é suficiente chamá-las uma só vez. E Jesus deve ter repetido o nome de Marta com inflexões de voz diferentes, como uma música, deixando-a tocada no mais profundo da alma.

Estava servindo só a Jesus, ou também a si própria?

^{41b} “Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas”.

Empenhada em servir Nosso Senhor da melhor maneira possível, talvez Marta tencionasse fazê-lo também para manter o grande prestígio da casa. Por isso se perturbava, tomada por preocupações que não condiziam inteiramente com o amor a Deus: estava em questão o nome da família. E quando Deus não está no centro das nossas considerações, a agitação se estabelece com facilidade.

Não nos esqueçamos de que o valor sobrenatural de toda ação depende da intenção com que ela é praticada. E qual era, nesse caso, o objetivo de Marta? Na medida em que procu-

rava não prejudicar a própria fama, não estava servindo a Nosso Senhor, mas a si própria. Preocupava-se, então, com os bens terrenos, não com os da eternidade. Servia, assim, mais com as mãos do que com o coração.

Essa psicologia pragmática e naturalista de Marta é muito mais comum do que se poderia imaginar. Queria ela agradar a Nosso Senhor, mas com a atenção dividida, voltada em parte para o que é do mundo. Talvez até desejasse chamar a atenção sobre si mesma, esperando receber um elogio por sua presteza.

⁴² “Porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada”.

“Maria escolheu a melhor parte”, afirma Jesus admoestando Marta. Por suma delicadeza, não formulou a consequência, a qual, no entanto, era inquestionável: coube a ela, portanto, a parte menos elevada...



Quando, depois da Ressurreição, Nosso Senhor se dirige a Maria Madalena, Ele repete seu nome. Diz apenas: “Maria”. E ela imediatamente exclama: “Raboni!” (Jo 20, 16)

“Ressurreição” - Catedral de Manresa (Espanha)

Marta pensava em como alimentar o Senhor, Maria em como ser por Ele alimentada; Marta preparava para o Senhor um banquete, Maria já desfrutava do banquete do mesmo Senhor



Nossa Senhora e São José trabalhavam com inigualável esmero, entretanto, tinham constantemente a atenção voltada para Jesus

“Sagrada Família” - Igreja do Santíssimo Nome de Jesus, Roma

III – ALMAS “MARTA” E ALMAS “MARIA”

Detenhamo-nos na importante questão que aqui se apresenta e tantas vezes é mal interpretada.

Pode-se inferir da resposta do Divino Mestre que Ele condenava o cuidado das coisas concretas, as quais não passarão para a eternidade e, portanto, não merecem nossa atenção? Deveriam todos, então, dedicar-se exclusivamente à contemplação das verdades eternas?

Não é essa a lição que devemos tirar desta passagem do Evangelho, pois, como observa Santa Teresa de Jesus de modo pitoresco e cheio de bom senso, se Marta “permanecesse, como Madalena, embevecida aos pés do

Senhor, ninguém daria de comer a este Divino Hóspede”.¹¹

Cristo não afirma aqui que Marta deveria abandonar aquelas indispensáveis ocupações, o que é posto em evidência por Santo Agostinho, com sua característica vivacidade:

“Devemos pensar que Jesus vituperou a atividade de Marta, ocupada no exercício da hospitalidade, ao recebê-Lo em sua casa? Como podia ser com justiça censurada quem se deleitava em acolher tão notável Hóspede? Se assim for, cessem os homens de socorrer os necessitados e escolham para si a melhor parte, a qual não lhes será tirada; dediquem-se à meditação da palavra divina, almejem ardentemente a doçura da doutrina, consagrem-se à ciência da salvação; não se preocupem em saber se há na aldeia algum peregrino ou algum pobre sem alimento ou roupa; desintereessem-se de visitar os enfermos, de resgatar o cativo, de enterrar os mortos; abandonem as obras de misericórdia e apliquem-se à única ciência. Se esta é a melhor parte, por que não nos dedicarmos todos a ela, já que, nessa matéria, temos o próprio Senhor como nosso defensor?”.¹²

A resposta dada por Jesus fora muito sutil e, como bem observa o Cardeal Gomá, “encerra todo um programa de vida que é a concretização do sumo equilíbrio do Cristianismo na ordem da ação”.¹³ Nas pessoas de Marta e Maria, deixou o Divino Mestre uma lição para toda a humanidade.

Contemplação operativa e ação contemplativa

Contemplação e ação não são realidades excludentes. Ensina São Tomás que a primeira é, sem dúvida, mais excelente e meritória que a segunda.¹⁴ Entretanto, acrescenta ele, a ação que procede da plenitude da contemplação é preferível à simples contemplação.¹⁵ A este ensinamento do Doutor Angélico, faz eco Fillion: “Embora a parte de Maria tenha algo de mais celestial, o melhor, nas situações ordinárias, é unir a condição de Marta com a de Maria”.¹⁶

A perfeição está, pois, na junção entre contemplação e ação. Disso dá-nos supremo exemplo a Sagrada Família. Nossa Senhora cuidava com inigualável esmero da casa em Nazaré, e São José era com certeza o mais consciencioso

so dos carpinteiros. Ambos trabalhavam, cada um nos seus afazeres. Entretanto, tinham constantemente a atenção voltada para Jesus e para os aspectos mais elevados da realidade, a ponto de São Luís Maria Grignon de Montfort afirmar que Nossa Senhora, ao dar um ponto com a agulha, glorificava mais a Deus do que São Lourenço sofrendo na grelha as terríveis dores do seu martírio.¹⁷

Então, podemos também nós dar muita glória a Deus nos atos concretos do dia a dia, desde que os realizemos com a atenção posta nas coisas celestes, e não apenas nas terrenas. Assim fez Cristo Jesus durante Sua vida pública: ocupadíssima, intensíssima, entretanto, sempre impregnada de oração e contemplação.

A preocupação naturalista de Marta

Como deveria, então, ter agido Marta neste episódio?

Ela era, como vimos, a responsável pela casa e cabia-lhe tomar as providências para o bom atendimento de Nosso Senhor. Assim, começou bem ao querer servi-Lo e agradá-Lo. Porém, sem ela se dar conta — como sói acontecer — essa louvável aspiração foi sendo substituída por uma preocupação naturalista, acompanhada pelo desejo de fazer bela figura diante d’Ele e dos demais.

Se executasse todas aquelas tarefas pondo em Jesus a atenção principal, ficaria ela também com a melhor parte, os frutos de seu trabalho teriam outra beleza e outra substância. Não lhe era preciso, portanto, deixar suas ocupações para ir sentar-se, como Maria, aos pés de Jesus, mas, segundo sublinha acertadamente Fillion, ter em vista que “o único necessário é preferir as coisas interiores às exteriores, dar-se a Cristo sem restrições, adorando-O, amando-O e vivendo só para Ele”.¹⁸

Felizes por servi-Lo, não importa a forma

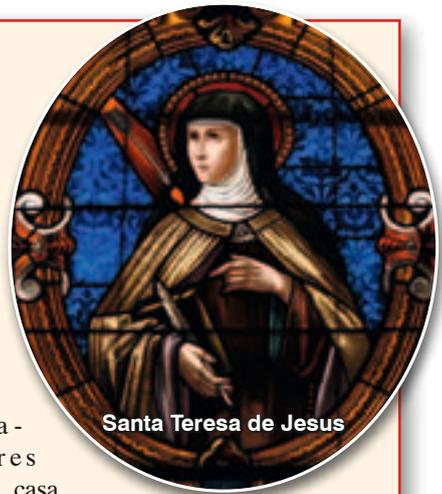
Santa Marta era santa, embora não conste que fosse contemplativa. Então, o que se pode desejar de melhor do que chegar a ser como essa bem-aventurada, que mereceu hospedar Nosso Senhor várias vezes na sua casa? E preparar-Lhe a refeição, e Lhe servir, e sentar-se à mesa para comer com Ele? Se ela, como Madalena, tivesse permanecido embevecida aos pés do Senhor, ninguém teria servido a comida a este Divino Hóspede. Considerai, pois, que esta congregação é a casa de Santa Marta e que nela deve haver de tudo. As-

sim, as que forem levadas para a vida ativa, não murmurem contra as que muito se embeveceram na contemplação. [...]

Lembrem-se de que é preciso haver alguém que Lhe prepare as refeições e considerem-se felizes por estar servindo, como fez Marta. Ponderem que a verdadeira humildade consiste, em boa medida, em estarmos prontas para o que o Senhor quiser fazer de nós, em contentarmos-nos com sua divina vontade e acharmos-nos sempre indignas de sermos chamadas suas servas. Pois, se contemplar e fazer oração mental e vocal, curar enfermos, servir nos

a fa-
zeres
da casa,
trabalhar —
ainda que seja nas mais humildes
funções —, se tudo é servir ao Di-
vino Hóspede, que vem até nós pa-
ra conviver, alimentar-Se e recrear-
Se, que nos importa se o fizermos de
uma forma ou de outra?

(SANTA TERESA DE JESÚS.
Camino de perfección, c.17, 5-6. In:
Obras Completas. 3.ed. Burgos: El
Monte Carmelo, 1939, p.396-397)



Santa Teresa de Jesus

Sergio Hollmann

A vida dos homens tem momentos de ação e de contemplação, e tanto em uns quanto nos outros é preciso ser “perfeito como o Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48)

O amor imperfeito de Maria

O Divino Mestre diz que Maria escolheu a melhor parte, mas não afirma ter ela agido impelida por um amor perfeito.

Nosso Senhor é cioso da obediência devida às autoridades intermediárias e, portanto, deveria Maria ter se submetido às determinações de sua irmã mais velha, cumprindo as obrigações que lhe cabiam sem perder o enlevo, mantendo o coração todo posto no Senhor. “Não imagines — adverte o Doutor Seráfico — que teu amor à quietude te autorize a subtrair-te, mesmo em coisas mínimas, aos exercícios da santa obediência ou das regras estabelecidas pelos anciãos”.¹⁹

Portanto, pode-se afirmar que Maria não atuou de forma exímia, na medida em que menosprezou a parte menos perfeita, esquivando-se de assumir incumbências necessárias para o bom atendimento a Jesus.

A lição foi para as duas

Há neste Evangelho uma lição não só para as almas “Marta”, mas também para as almas “Maria”. Às primeiras, ensina Jesus que uma só coisa é necessária: o amor a Deus, pois apenas a caridade ultrapassa o umbral da eternidade, e todo o resto é secundário. Não devemos nos ocupar com os afazeres do dia a dia sem ter o coração voltado para o que há de mais elevado, tendo presente que em tudo dependemos da graça divina. E às segundas, mostra que não podem desprezar a parte menos perfeita, ignorando as providências necessárias para a boa ordenação da vida. Pois, como bem sublinha Teofilo ao comentar esta passagem do Evangelho, “o Senhor não vituperou a hospitalidade, mas sim o

cuidado por muitas coisas, ou seja, a absorção e o alvoroço”.²⁰

Na ação ou na contemplação, trata-se de manter a alma serena, pervadida de devoção e inteiramente voltada para o sobrenatural.

IV – SER PERFEITO NA AÇÃO E NA CONTEMPLAÇÃO

Marta, por ser virtuosa, sem dúvida acolheu bem as palavras de Nosso Senhor e percebeu que, de fato, tinha andado por vias equivocadas.

Como procedeu ela após a repreensão divina? Certamente continuou a servi-Lo, mas sem febricitação. Cheia de paz, alegria e consolação, deve ter agradecido a lição recebida, aceitando-a até o fundo da alma pela ação da graça. “Repreende o justo e ele te amará” (Pr 9, 8). Assim, passou ela a amar mais Nosso Senhor, depois dessa afetuosa correção.

Devemos imitar as duas irmãs: fazer todos os atos cotidianos com o amor de Maria, mas, como Marta, cumprir nossas obrigações de modo exímio. Porque a vida dos homens tem momentos de ação e de contemplação e, tanto em uns quanto nos outros, é preciso ser “perfeito como o Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

Da contemplação provém a ação

Nesta terra, nossa vida deve estar marcada pela preocupação primordial de cuidar das coisas eternas. Como bem explica o padre Romano Guardini, a existência humana se desenvolve em dois planos paralelos: o interior e o exterior. O mais importante, porém, é o interior, pois, em última análise, dele provém o exterior.

¹ Cf. FILLION, Louis-Claude. *Vida de Nuestro Señor Jesucristo*. Madrid: RIALP, s/d., v.II, p.334.

² FERNÁNDEZ TRUYOLS, SJ, Andrés. *Vida de Nuestro Señor Jesucristo*. 2.ed. Madrid: BAC, 1954, p. 417-418.

³ MALDONADO, SJ, Juan de. *Comentarios a los cuatro Evangelios – II. Evangelios de*

San Marcos y San Lucas. Madrid: BAC, 1951, p.554.

⁴ SAN CIRILO, apud SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea*.

⁵ SAN AGUSTÍN. *Sermo 255, 2*, apud ODEN, Thomas C. e JUST Jr., Arthur A. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia – Evangelio según San Lucas*. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, v.III, p.258.

⁶ Cf. FILLION, op. cit., p.335.

⁷ SAN AGUSTÍN. *Sermo 104, 3*, apud SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea*.

⁸ SAN AGUSTÍN. *Comentarios de San Agustín a las lecturas litúrgicas (N.T.)*. Valladolid: Estudio Agustiniano, s/d, p.1073.

⁹ SAN BERNARDO. *Obras completas*. Madrid: BAC, 1953, v.I, p.712.



Fábio Kobayashi

Hoje somos muito mais afortunados do que Marta, pois recebemos Jesus, não em nossa morada, mas em nosso coração, através da Eucaristia

Bento XVI ministra a Sagrada Comunhão na Basílica de São João de Latrão durante a Missa de Corpus Christi de 2010

“Assim é que — acrescenta —, já na vida ordinária dos homens, o interior se sobrepuja ao exterior. Tem o caráter de ‘um necessário’, que tem primeiro de aparecer claramente. Se as raízes adoecem, a árvore pode continuar a crescer por algum tempo, mas acaba por morrer. Isso ainda é mais verdadeiro para a vida da fé. Também aí há um domínio exterior; fala-se e ouve-se, trabalha-se e luta-se, há obras e instituições, mas o sentido último de tudo reside no interior. O trabalho de Marta é justificado por Maria”.²¹

Atendendo ao convite que nos é feito neste trecho do Evangelho, façamos os esforços necessários para elevar ao Céu as nossas vistas deformadas pelo espírito naturalista, porque, no umbral da eternidade, as coisas concretas nos serão tiradas. Nossa fé se transformará em visão de Deus, face a

face; nossa esperança, em posse definitiva do Sumo Bem; e a caridade atingirá sua plenitude.

Muito mais felizes do que Marta e Maria

Hoje somos muito mais afortunados do que Marta, pois recebemos Jesus, não em nossa morada, mas em nosso coração. Ele Se dá a nós na Eucaristia e, ao invés de nos afanarmos em preparar-Lhe uma refeição, Ele nos alimenta com Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Situação, portanto, muito mais feliz e celestial que a da família de Betânia que tantas vezes hospedou Nosso Senhor!

Assim, agradeçamos a Marta por seu zelo em acolher Jesus, louvemos Maria pelo exemplo do amor a Deus, mas, sobretudo, demos graças a Jesus pelo que Ele faz, a cada instante, por cada um de nós. ✧

*Eleve-mos
ao Céu as
nossas vistas
deformadas
pelo espírito
naturalista,
porque, no
umbral da
eternidade,
as coisas
concretas nos
serão tiradas*

¹⁰ GOMÁ Y TOMÁS, Isidro. *El Evangelio explicado*. Barcelona: Casulleras, 1930, v.III, p.134.

¹¹ SANTA TERESA DE JESÚS. *Camino de perfección*, c.17, 5. In: *Obras Completas*. 3.ed. Burgos: El Monte Carmelo, 1939, p.396-397.

¹² SAN AGUSTÍN. *Sermo 104*, 2. apud ODEN e JUST Jr., op. cit., p.1073-1074.

¹³ GOMÁ Y TOMÁS, op. cit., p.134.

¹⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, II-II, q.182, a.1 e 2.

¹⁵ Cf. Idem, II-II, q.188, a.6, r.

¹⁶ FILLION, op. cit., p.336.

¹⁷ SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*,

n.222. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p.214-215.

¹⁸ FILLION, op. cit., p.335.

¹⁹ SAN BUENAVENTURA. *Meditaciones de la vida de Cristo*. Buenos Aires: Santa Catalina, p.184.

²⁰ TEOFILATO, apud SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Catena aurea*.

²¹ GUARDINI, Romano. *O Senhor*. s/l: Agir, s/d, p.196.



VIII ENCONTRO NACIONAL EM FÁTIMA

Como membros de uma mesma família

Alegria e fervor marcaram este dia em que cerca de dez mil participantes do Apostolado do Oratório se reuniram em Fátima, em torno de Jesus e de Maria.

Sob a presidência de D. Manuel Monteiro de Castro, Secretário da Congregação para os Bispos, teve lugar o VIII Encontro do Apostolado do Oratório do Imaculado Coração de Maria, dos Arautos do Evangelho, na Igreja da Santíssima Trindade, em Fátima.

Cerca de dez mil participantes

Desde cedo, centenas de pessoas irrompiam para dentro da nova igreja, que não tardou a ter os seus mais de oito mil lugares preenchidos. Com efeito, o Encontro reuniu cerca de dez mil participantes.

A solene entrada da imagem do Imaculado Coração de Maria e a sua

coroação, antecederam a Eucaristia presidida por D. Manuel Monteiro.

Na sua homilia lembrou-nos que: “A nossa história, a história de cada pessoa está profundamente impregnada da constante solicitude de Deus. Cada um de nós é objecto da predilecção do Senhor. Alguns fecham-lhe as portas. É o profundo



mistério da liberdade humana, que tem possibilidade de rejeitar a graça divina. Digamos hoje ao Senhor que lhe abrimos de par em par as portas da inteligência, da vontade, do coração e da alma que Ele nos deu.”

Adoração, vídeo e sorteio

Após a Missa seguiu-se a adoração ao Santíssimo Sacramento, participada com enorme fervor, na qual todos os presentes puderam rezar pelas suas necessidades, por todos os seus familiares e para que Deus suscite muitos e santos sacerdotes.

Ao término da Adoração, foi projectado um vídeo com as actividades realizadas nos últimos doze meses, pelos Arautos do Evangelho em Portugal e no Mundo.

Dez quadros de Nossa Senhora foram sorteados entre os presentes e, sem embargo, todos os participantes do Encontro, receberam como lembrança um belo e gracioso tríptico com a imagem de Nossa Senhora de Fátima e dos três Pastorinhos.

A alegria foi muita em meio a este abençoado dia em que todos os participantes conviveram como membros de uma mesma família que se querem profundamente bem, em Jesus e Maria. ✧



A solene entrada da imagem do Imaculado Coração de Maria e a sua coroação antecederam a Eucaristia



A Adoração ao Santíssimo Sacramento foi acompanhada com grande fervor por todos os presentes



Fiéis leigos na vinha do Senhor

A parábola dos trabalhadores na vinha do Senhor não diz respeito apenas aos Pastores, mas também aos leigos que são pessoalmente chamados pelo Senhor.

Mons. Manuel Monteiro de Castro
Secretário da Congregação para os Bispos



Queridos irmãos em Cristo Senhor nosso, para o Encontro Nacional do “Apostolado do Oratório” congregamo-nos hoje, junto ao altar do Senhor, neste lugar sagrado de Fátima onde a nossa Mãe Santíssima nos veio recordar o caminho a seguir para alcançar a vida eternamente feliz na morada que nos tem preparado o seu amado filho Jesus Cristo.

Esta festa, assim como os textos litúrgicos, falam-nos de Jesus. Quem é Jesus? Quem é Jesus para mim?

Neste momento desejo cordialmente a todos os que nos acompanham nesta celebração eucarística. Uma saudação especial para os Arautos do Evangelho.

Os textos litúrgicos nos falam de Jesus

Na oração inicial pedíamos ao Senhor a graça de viver sempre

no temor e no amor ao seu santo nome.

No Salmo responsorial proclamávamos: “A minha alma tem sede do Deus vivo”.

No Evangelho escutávamos as palavras de São Pedro a Jesus: Tu “és o Messias de Deus”.

E na Segunda leitura, que é da carta de São Paulo aos Gálatas: “todos vós fostes revestidos de Cristo [...] pertenceis a Cristo”.

Convido-vos a seguir-me numa breve reflexão sobre estes textos litúrgicos que acabamos de escutar.

Queremos que o nome de Deus esteja sempre presente na nossa vida

Na oração inicial pedíamos ao Senhor a graça de viver sempre no temor e no amor ao seu santo nome. No temor filial, isto é, no desejo de vivermos, de actuarmos sempre agradando ao Senhor. E no amor ao seu santo nome. Que-

remos, que o nome de Deus esteja sempre presente na nossa vida, esteja gravado na nossa inteligência, na nossa vontade, no nosso coração, na nossa alma.

Proclamávamos no salmo responsorial: “A minha alma tem sede do Deus vivo”. Ansiamos a presença de Deus, de Deus vivo. Desejamos estar unidos a Deus. Pretendemos que o nosso ser, estar e actuar seja efectuado em união com o Senhor.

No Evangelho escutávamos as palavras de São Pedro, Tu “És o Messias de Deus”. “Tu és Cristo, filho de Deus vivo”. Um dia, Jesus caminhava com os seus discípulos pelas aldeias de Cesareia de Filipe, hoje Baniás, povoação situada no sopé do monte Hermon, a uns quarenta quilómetros ao norte de Bet-saida, fronteira de Israel com o povo pagão. Pergunta Jesus aos seus discípulos: “Quem dizem as gentes que sou Eu?”. Havia muitas opi-

niões sobre a identidade de Jesus. Os discípulos responderam-lhe: uns dizem que és João Baptista (entre os quais se contava Herodes Antipas), outros que és Elias, outros que és um profeta. Havia muitas opiniões sobre a identidade de Jesus. Os apóstolos tinham convivido muito tempo com Jesus. Jesus quer escutar a sua resposta e pergunta: “E vós, quem dizeis que sou Eu?” São Pedro responde imediatamente por todos e sem hesitar: Tu “és o Messias de Deus”. Messias (ungido), palavra aramaica, que corresponde a Cristo. Tu és Cristo, Filho de Deus vivo.

Foi neste lugar que Jesus confiou a Pedro a Igreja. “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu”. Jesus explicou aos seus discípulos o que lhe sucederia dentro de pouco. E acrescentou: “Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-me”.

Muitos seguiram-no. Temos um exemplo num hebreu, altamente preparado, que tinha estudado na melhor escola do tempo, em Jerusalém, com o distinguido professor Gamaliel. Era Paulo de Tarso. Convertido, tomou o nome de Paulo. Deixou-nos preciosos escritos, como os Actos dos Apóstolos e diversas cartas, entre as quais se distinguem a carta aos Romanos e a carta aos Gálatas, que hoje escutámos como segunda leitura.

Segunda leitura. Na carta aos Gálatas, habitantes da Ásia Menor, diz-lhes que não há distinção de pessoas ou de classes: “todos vós fostes revestidos de Cristo [...] pertenceis a Cristo”. Estamos vestidos de Cristo, a beleza de Cristo, a graça de Cristo resplandece nos cristãos co-

mo o resplendor do sol num espelho limpíssimo (S. João de Ávila).

Jesus quer entrar no nosso coração

Podemos agora perguntar-nos: Quem é Jesus Cristo para mim?

Jesus entrou profundamente no coração, na alma dos apóstolos, de São Paulo, dos discípulos e de muita gente. Releva Sua Santidade o Papa Bento XVI ao comentar a Mensagem de Fátima: “As Escrituras convidam-nos a crer: ‘Felizes os que acreditam sem terem visto’ (Jo 20, 29), mas Deus — mais íntimo a mim mesmo do quanto o seja eu próprio (cf. Santo Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11) — tem o poder de chegar até nós nomeadamente através dos sentidos interiores, de modo que a alma recebe o toque suave de algo real que está para além do sensível, tornando-a capaz de alcançar o não-sensível aos sentidos” (cf. Card. J. Ratzinger, *Comentário Teológico da Mensagem de Fátima*, ano 2000).

Jesus quer entrar também no nosso coração, na nossa alma e na vida

de cada um de nós. A companhia de Jesus é o dom mais precioso que nos pode ser concedido. Nunca nos sentimos sós. Proclamávamos no refrão antes da leitura do evangelho, recordando as palavras de Jesus: “As minhas ovelhas escutam a minha voz [...]. Eu conheço as minhas ovelhas e elas seguem-me”. “Uma das pobreza mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão — escreve Bento XVI. [...Pobrezas que] nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar. As pobreza frequentemente nascem da recusa do amor de Deus, de uma originária e trágica reclusão do homem em si próprio, que pensa que se basta a si mesmo” (Bento XVI, Enc. Deus Caritas est, 53).

A nossa história, a história de cada pessoa está profundamente impregnada da constante solicitude de Deus. Cada um de nós é objecto da predilecção do Senhor. Alguns fecham-lhe as portas. É o profundo mistério da liberdade humana, que tem possibilidade de rejeitar a graça divina. Digamos



“O que é o Apostolado do Oratório senão a divulgação da devoção a Nossa Senhora sob a invocação indicada por Ela na aparição de Junho de 1917, como sendo a mais agradável a Deus?”

hoje ao Senhor que lhe abrimos de par em par as portas da inteligência, da vontade, do coração e da alma que Ele nos deu.

Seguir os Arautos é uma forma de abrir as portas a Jesus

Arautos do Evangelho, queridos irmãos em Cristo Senhor nosso, pertencer a este magnífico movimento dos Arautos do Evangelho, seguir sua profunda espiritualidade, actuar na Nova Evangelização do mundo é uma forma esplêndida de abrir as portas da inteligência e do coração a Jesus.

Recordemos, pois, um pouco da, sua espiritualidade e da essência da sua vocação laical, para servirmos melhor a Cristo e à Igreja.

O Concílio Vaticano II tinha falado da vocação e da missão na Igreja dos fiéis leigos. O Sínodo dos Bispos de 1987 tratou expressamente do tema. O Servo de Deus João Paulo II ofereceu-nos a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* (30 de Dezembro de 1988), na qual comenta particularmente a parábola dos trabalhadores na vinha do Senhor. “A chamada não diz respeito apenas aos Pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente cha-

mados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo”. Ninguém pode ficar inactivo. A actual situação social, económica, política e cultural reclama a acção de todos nós. Escreve João Paulo II: “que os fiéis leigos escutem o chamamento de Cristo para trabalharem na Sua vinha, para tomar parte viva, consciente e responsável na missão da Igreja, *nesta hora magnífica e dramática da história*, no limiar do terceiro milénio.

Os Arautos do Evangelho escutaram-na. Como se lê nos seus estatutos, esta Associação “nasceu com a finalidade de ser instrumento de santidade na Igreja, ajudando seus membros a responderem generosamente ao chamamento à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade, favorecendo e alentando a mais íntima unidade entre a vida prática e a fé”. Procura “a participação activa, consciente e responsável de seus membros na missão salvífica da Igreja através do apostolado, ao qual estão destinados pelo Senhor, em virtude do Baptismo e da Confirmação. Devem, assim, actuar em prol da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais.” Conta com membros em 78 países. Os membros de vida consa-

grada, do sexo masculino ou do sexo feminino, dedicam-se à oração, ao estudo e a actividades de evangelização, dando especial ênfase à formação da juventude. Alguns membros dos Arautos do Evangelho são sacerdotes. Outros são cooperadores: leigos, casados ou solteiros que vivem no mundo, sacerdotes de outras associações ou movimentos apostólicos, os Cooperadores dos Arautos do Evangelho, além de observarem os preceitos e deveres próprios a seu estado, esforçam-se por viver em conformidade com o carisma e a espiritualidade da Associação, dedicando a ela seu tempo livre e se comprometendo a cumprir certas obrigações.

A sua espiritualidade tem como pontos essenciais: a Eucaristia, Maria e o Papa. Lemos nos seus estatutos:

“A espiritualidade tem como linhas mestras a adoração a Jesus Eucarístico, de inestimável valor na vida da Igreja para construí-la como uma, santa, católica e apostólica, corpo e esposa de Cristo (EE 25, 61); a filial piedade mariana, imitando a sempre Virgem e aprendendo a contemplar n’Ela o rosto de Jesus (NMI 59); e a devoção ao Papado, fundamento visível da unidade da fé (LG 18).”

A relação entre estas duas primeiras devoções — à Eucaristia e a Maria — e Fátima é tão evidente que quase me dispense de falar delas.

O que é o Apostolado do Oratório do Imaculado Coração de Maria, do qual participais tão empenhadamente, senão a divulgação da devoção a Nossa Senhora sob a invocação indicada por Ela na aparição de Junho de 1917, como sendo a mais agradável a Deus e que era a do Imaculado Coração de Maria?

“Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Coração”

As palavras dirigidas pela Santíssima Virgem aos pastorinhos não deixam margem a dúvidas sobre a



Vista geral da Basílica, durante a Homilia

actualidade e a importância desta devoção: Deus “quer estabelecer no mundo — afirmou Nossa Senhora — a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação; e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o seu trono”.

Poderia haver melhor incentivo do que esta tão expressiva promessa de Nossa Senhora, para que vos empenheis com afincado redobrado no apostolado tão meritório e necessário que fazeis?

Também a devoção ardorosa à Eucaristia, tão central na espiritualidade dos Arautos do Evangelho tem uma profunda relação com Fátima. Como sabeis, alguns anos depois das aparições de 1917, Nossa Senhora apareceu à Irmã Lúcia para lhe pedir a comunhão reparadora dos cinco primeiros sábados. Esta devoção que todos vós praticais, tem sido de grande benefício para o progresso espiritual de incontável número de fiéis. Mas, para os Arautos do Evangelho a devoção à Eucaristia não é mais uma devoção entre tantas outras, muito boas e úteis para a salvação das almas. Ela constitui o centro da sua vida espiritual e para a qual convergem todas as outras. E é esse o segredo da sua fecundidade na acção, que se reflecte nesta numerosa peregrinação e na promissora expansão que o Apostolado do Oratório está a ter no nosso país. Nunca será de mais exortar-vos à intensificação na devoção eucarística, por meio da participação diária na Santa Missa, na adoração frequente ao Santíssimo Sacramento e da prática, tão recomendável, da comunhão espiritual.

A vossa espiritualidade tem como pontos essenciais: a Eucaristia, Maria e o Papa. Vimos os dois primeiros pontos. Agora umas breves palavras sobre o terceiro: a devoção ao Papa.



“Digamos-Lhe: Senhor Jesus, eu quero que entres na minha alma, no meu coração, na minha vida”

Onde não há a aprovação do Papa não há Catolicismo

“*Ubi Petrus, ibi Ecclesia* — onde está São Pedro, aí está a Igreja. De tal maneira a Igreja Católica está vinculada à Cátedra de São Pedro, que onde não há a aprovação do Papa não há Catolicismo. A devoção ao Papa tem uma particular relação com Fátima. Nas aparições de Julho Nossa Senhora disse aos pastorinhos: “O Santo Padre terá muito que sofrer”. Sofreu o Servo de Deus João Paulo II e constatamos nos nossos dias as grandes dificuldades que o Santo Padre Bento XVI tem de enfrentar para anunciar a verdade com coragem e destemor. Todos nós, mas de um modo particular vós que pertenceis aos Arautos do Evangelho e que tendes um particular amor ao Papa, seguindo o exemplo dos pastorinhos, estamos chamados a rezar e oferecer sacrifícios ao Senhor pelas intenções do Sucessor de Pedro para que o ilumine e lhe dê fortaleza de alma para governar a Igreja. Nunca é demais nesta nossa época de incertezas, vincar este ponto tão importante da vossa espiritualidade, que o vosso fundador Mons. João Clá Dias vive e nos recorda frequentemente.

Concluo recordando que os Arautos do Evangelho têm como carisma procurar agir com perfeição em busca da pulcritude em todos os actos da vida diária, tendo presente o mandamento do Senhor: “*Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito*” (Mt 5, 48).

Testemunhos de Cristo

Digamos-Lhe: Senhor Jesus, eu quero que entres na minha alma, no meu coração, na minha vida. Procurarei dar testemunho de Ti na família, na escola, na universidade, no trabalho bem feito, nas minhas actividades de cada dia, realizadas com alegria, com serenidade e com sincera preocupação pelo próximo, na nossa paróquia e na nossa diocese, em Portugal, no Brasil e no Mundo, como Tu nos ensinaste.

Procurarei corresponder cada vez melhor às graças que benévola e generosamente me tens concedido.

Termino, invocando a ajuda de Nossa Senhora, com a oração do Servo de Deus João Paulo II, ao concluir a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*:

“Ó Virgem santíssima, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja...” ✨



A mensagem de



Guatemala



Buenos Aires



Houston



Bogotá



Londres



San José de Costa Rica



Cuiabá – Brasil



San Salvador



Mairiporá – Brasil



Belém – Brasil

Fátima é sempre atual!

As comemorações do 93º aniversário das aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos na Cova da Iria tiveram neste ano um insigne participante: o Papa Bento XVI. Quis ele viajar a Fátima como peregrino, “como um filho que vem visitar sua Mãe”, segundo afirmou na bela oração proferida no local das aparições.

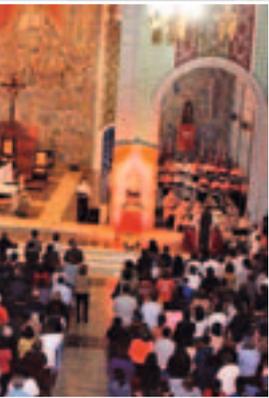
Em união de espírito com o Santo Padre, os Arautos comemoraram o Treze de Maio em inúmeras cidades, com solenes cerimônias em honra de Nossa Senhora, com a fervorosa participação de grande número de fiéis (ver fotos nestas duas páginas).

Hoje em dia, transcorridos quase cem anos dos acontecimentos na Cova da Iria, poderá haver quem se interrogue se a mensagem da Mãe de Deus continua atual. Tem ainda sentido, objetarão alguns, dar-lhe relevância?

A recente viagem do Papa a Portugal, por si só, responde a essa pergunta. E as pala-

vas ali proferidas pelo sucessor de Pedro são uma exortação a continuarmos acolhendo com redobrado fervor os pedidos da Mãe de Deus.

“Iludir-se-ia quem pensasse que a mensagem profética de Fátima esteja concluída”, afirmou Bento XVI na Homilia do dia treze de maio, diante da multidão de fiéis. “Vim como peregrino a esta casa que Maria escolheu para falar nos tempos modernos”, acrescentou. E o que foi que Nossa Senhora aconselhou aos homens e mulheres de nossa época? “Rezai o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo”. Atendamos com solicitude filial seu afetuoso pedido, sendo ardorosos devotos do Santo Rosário e fazendo crescer em nós, a cada dia, o amor a Ela.



Recife – Brasil



Nova Friburgo – Brasil



Curitiba – Brasil



Campos – Brasil



São Paulo, Brasil – O deputado Paulo Alexandre Barbosa (foto à direita) promoveu solene homenagem aos Arautos do Evangelho na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, para celebrar os dez anos de aprovação pontifícia da instituição. Ao final, Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, recebeu uma placa comemorativa.



Itália – Em 28 de maio, na Igreja de San Benedetto in Piscinula (Roma), seis novos cooperadores dos Arautos do Evangelho receberam a capa e assinaram seu compromisso com a Associação (foto da direita).

Licenciados em Humanidades

Vinte membros dos Arautos do Evangelho alcançaram a Licenciatura em Humanidades pela Pontifícia Universidade Católica “Madre y Maestra”, da República Dominicana. A entrega dos respectivos diplomas foi feita pelo Reitor dessa Universidade, Mons. Agripino Núñez Collado em cerimônia realizada no Seminário dos Arautos do Evangelho em Caieiras, São Paulo.



Novos mestres em Teologia



Entre os dias 26 e 30 de abril, 22 membros dos Arautos do Evangelho, sacerdotes e leigos, provenientes de oito nações, defenderam suas teses de mestrado em Teologia na Universidade Pontifícia Bolivariana, em Medellín, Colômbia.

Nove deles foram laureados mestres em Doutrina Social da Igreja e treze em Teologia Dogmática. Algumas das teses serão publicadas na revista acadêmica da Faculdade de Teologia, Filosofia e Humanidades, “Cuestiones Teológicas”.

A cerimônia de colação de grau (fotos 1 a 3), realizada no dia 14 de maio, foi presidida pelo Reitor, Mons. Luis Fernando Rodríguez Velásquez (foto 3). Diversas autoridades acadêmicas estiveram presentes.



Cursos – O Decano da Faculdade de Filosofia da Universidade Pontifícia Salesiana em Roma, Pe. Mauro Mantovani, ministrou o curso “As cinco vias de São Tomás de Aquino” aos alunos do Seminário dos Arautos.

Palestras – Fr. Bruno Espósito, OP, professor do Angelicum, de Roma, e consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, expôs para arautos sacerdotes o tema das formas associativas e novos carismas na Igreja.



Lisboa – Milhares de fiéis acompanharam os festejos do Corpo de Deus em Lisboa. A comemoração se iniciou com a Santa Missa celebrada na Sé e presidida pelo Cardeal Patriarca D. José Policarpo, onde a orquestra dos Arautos pode acompanhar o coro que animava esta tão grande festa. Ao final da missa o Santíssimo Sacramento ficou exposto para Adoração para depois sair em procissão pelas ruas da capital lusitana.



Lisboa – O dia do Anjo de Portugal foi comemorado pela Comissão Executiva do Encontro Nacional de Combatentes com uma solene Missa na Igreja dos Jerónimos, por intenção de Portugal e de sufrágio pelos que perderam a vida a seu serviço. A eucaristia foi presidida pelo Cônego José Manuel Ferreira, e concelebrada por diversos capelães militares.



Lisboa – Os Arautos visitaram o Depósito Geral de Material de Força Aérea após a Missa na igreja dos Pastorinhos por ocasião do II Encontro de militares e civis celebrada pelo P. Luis Miguel Hernández.

Coimbra – Despedida da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima com solene celebração em Semide, presidida por D. Albino Cleto e animada pelo coro dos Arautos do Evangelho.



Batismo e Primeira Comunhão

Os Arautos reuniram-se na Basílica dos Mártires, em Lisboa, para a celebração de cinco batismos, quatro primeiras-comunhões e sete comunhões solenes. A Missa foi celebrada pelo Pe. Luiz Henrique Alves de Oliveira, EP, superior da associação em Portugal, e contou com a presença do coro e orquestra dos Arautos e com numerosos familiares dos jo-

vens que neste dia recebiam um novo sacramento. Na sua homilia, o Pe. Luiz referiu que “quando uma família reza unida adquire forças para enfrentar qualquer dificuldade da vida”, e fez o pedido a todos os presentes que rezassem pelos jovens que iniciavam a sua vida cristã, a fim de serem “homens de fé, que irradiam a fé.”



Sameiro – Para assinalar o 23º aniversário do Coro do Sameiro, este promoveu um concerto-oração em honra da padroeira do santuário. As músicas corais e instrumentais foram intercaladas por meditações sobre Nossa Senhora, realizadas por alguns jovens que cursam Direito na Universidade do Minho. Seguiu-se a celebração da Santa Missa, presidida pelo Cónego José Paulo.



Braga – As irmãs Visitandinas comemoraram 400 anos em Portugal com uma solene celebração presidida por D. António Marto. A parte musical da Liturgia foi executada pela orquestra e coro dos Arautos do Evangelho.

Testemunha muda da Ressurreição de Jesus

Ao Se soerguer glorioso do sepulcro, vencendo a morte pelo Seu próprio poder, quis Nosso Senhor Jesus Cristo deixar para a humanidade uma valiosa prova de Sua Paixão e Ressurreição.



José Manuel Jiménez Aleixandre

Domingo da Ressurreição. Bem cedo, antes de raiar o dia, três mulheres envoltas em amplos mantos, portando jarros e tecidos, avançavam a passos ligeiros pelo caminho que conduz de Jerusalém ao horto do Santo Sepulcro. Entrementes, uma perplexidade as incomodava: “Quem nos removerá a pedra da entrada?” (Mc 16, 3).

Paixão e Morte do Divino Mestre

Enquanto caminhavam, os acontecimentos vividos nos dias anteriores não lhes saíam da memória.

Na quinta-feira, haviam participado da Sagrada Ceia, durante a qual Jesus distribuiu a seus discípulos o Pão e o Vinho transubstanciados, dizendo: “Isto é o meu corpo. Este é o cálice do meu sangue” (cf. Lc 22, 19-20). Pouco depois receberam a inesperada notícia de Sua prisão e, na manhã seguinte, assistiram no Pretório à Sua condenação.

Aquelas três mulheres que acompanharam o Divino Mestre em Suas viagens e pregações e assistiram a muitos dos Seus milagres, ficaram horrorizadas e desoladas quando o

governador romano O apresentou ao povo, dizendo: “Eis o homem!” (Jo 19, 5). Desfigurado, coroado de espinhos, coberto com um manto de derisão, estava o Messias irreconhecível. Cena tão dolorosa, ao invés de despertar a piedade, pelo contrário, levou a turba enraivecida a gritar: “Crucifica-O! Seja crucificado!”. Para obter de Pilatos a morte do Inocente, preferiram libertar Barrabás, um revoltoso, salteador e assassino!

Em seguida, Cristo iniciou o caminho para o Gólgota, vertendo sangue a cada passo. Três vezes caiu sob o peso do *patibulum*, até que os

Santa Síndone ou Santo Sudário?

Os evangelistas utilizam a palavra *síndone* (σινδών) para denominar o tecido em que José de Arimateia envolveu o corpo de Nosso Senhor, e o termo *sudário* (σουδάριον) para designar o véu que cobriu Sua cabeça e foi encontrado dobrado à parte no sepulcro (cf. Mt 27, 59; Mc 15, 46; Lc 23, 53 e Jo 20, 7).

Portanto, para se referir à Sagrada Relíquia venerada em Turim é mais preciso utilizar a expressão Santa Síndone, ou Santo Lençol, reservando o termo Santo Sudário, para o tecido que cobriu a cabeça de Nosso Senhor antes de ser depositado no Sepulcro. É esse o critério que seguimos no presente artigo.



“Este tecido de linho no qual Nosso Senhor Jesus Cristo foi envolto [...] vós o deveis venerar e adorar” — afirmou o Papa Júlio II, ao aprovar a Missa e o Ofício pelos quais oficializou o culto público à Santa Síndone

Bento XVI venera a Santa Síndone em 2 de maio último, na Catedral de Turim

legionários romanos, receosos de que não chegasse vivo ao lugar do suplício, obrigaram Simão de Cirene a carregar o pesado madeiro. Durante o percurso, ninguém se atrevia a prestar-lhe sequer alguma pequena ajuda. Somente uma mulher ousou aproximar-se e limpar o rosto do Mestre com o largo véu que a cobria, recebendo como recompensa, a divina Face estampada naquele tecido.¹

No alto do Calvário, para culminar todos os atrozes sofrimentos, a crucifixão. O som das marteladas penetrava terrivelmente nos ouvidos daquelas mulheres. Pregado na cruz, Jesus estava tão exausto pelos padecimentos que em pouco tempo Lhe sobreveio a morte: eram três horas da tarde quando clamou “*Consumatum est!*” e, “inclinando a cabeça”, entregou o espírito” (Jo 19, 30).

José de Arimateia, que a tudo assistira de longe, foi pedir ao governador romano o corpo do Mestre. Pilatos quis primeiro certificar-se de tão rápido falecimento. Um legionário chegou junto à Cruz e cravou

com força a lança no flanco direito do Crucificado. Jesus não reagiu: o corpo estava inânime. Da ferida jorrou sangue e água.

Junto com José de Arimateia, viera Nicodemos, acompanhado de vários criados que carregavam duas talhas cheias de unguento de mirra e aloé, para embalsamar o Corpo. Colocaram escadas e, após retirar a coroa de espinhos, cobriram com um sudário² o rosto de Jesus — conforme era costume fazerem os judeus com as vítimas de morte violenta —, enquanto O desciam e preparavam para a sepultura.

Maria, a Mãe do Senhor, mesmo transida de dor, a tudo assistia de pé, com uma firmeza que impressionava as Santas Mulheres e lhes dava forças. Sentiam-se seguras ao lado d’Ela. Presente na cena estava também João, o único Apóstolo que acompanhou Jesus durante a Paixão e foi testemunha direta dos Seus tormentos, morte e sepultura.

José de Arimateia havia trazido faixas e um rolo de mais de quatro metros de tecido do melhor li-

nho, para sepultá-Lo. Era o Santo Lençol, Santa Síndone, ou — como se costuma dizer em português — o Santo Sudário.³

O Sol descia no horizonte e logo reluziriam as estrelas que anunciavam o início do sábado de Páscoa. Era preciso atuar com presteza para não violar o dia sagrado. Muito estritos no cumprimento da Lei, José e Nicodemos não permitiram sequer que o Corpo fosse lavado, para evitar tocar no sangue. Puseram duas moedas nos Seus olhos e deitaram-no sobre o tecido de linho. Dobrando-o pela metade à altura da cabeça, cobriram Jesus totalmente com ele.

Sendo ainda de dia, José, Nicodemos e o Apóstolo João conduziram o Corpo para um sepulcro virgem escavado na rocha próximo do local. Ali o depositaram, envolto na Síndone, e sobre ele derramaram os trinta litros de unguento. Deixaram ao lado as faixas, com vistas a utilizá-las depois do sábado, pois se esgotara o tempo. Os criados começaram então a rolar a pedra circular que servia de porta para o sepulcro.

O manto da noite cobriu a cidade de Jerusalém e o sábado de Páscoa transcorreu entre tristeza, temor e rancores. Tristeza dos discípulos de Jesus, que se perguntavam se não estaria tudo acabado; temor de terem o mesmo trágico destino do Mestre; e rancor da parte dos sinedritas que, apesar de haverem matado o Messias, sentiam seu ódio insatisfeito.

As mulheres encontram o sepulcro vazio

Quando, na madrugada do domingo, Madalena, Maria de Cléofas e Salomé, chegaram ao sepulcro, sua reação foi de espanto e perturbação: a pedra da entrada havia sido removida, os guardas jaziam por terra, desmaiados. E, sobretudo, o corpo do Senhor não estava mais lá!

Maria Madalena voltou correndo ao Cenáculo, onde se encontravam reunidos a portas trancadas os Apóstolos, com a Mãe de Jesus e



O Sol descia no horizonte e logo reluziriam as estrelas que anunciavam o início do sábado de Páscoa; era preciso atuar com presteza para não violar o dia sagrado

“Nosso Senhor é posto no sepulcro”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença

outros discípulos. Ainda ofegante, comunicou a Pedro: “Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram!” (Jo 20, 2). Pedro não

perdeu tempo: disse uma palavra rápida a João e saíram correndo.

João, mais jovem, chegou primeiro ao sepulcro, inclinou-se e viu os panos no chão, mas, por respeito, aguardou a chegada de Pedro. Ao entrar, junto com ele, viu também o sudário colocado num lugar à parte. “Viu e creu” (Jo 20, 8), narra o Evangelho, pois até aquele momento os Apóstolos “não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual, Jesus devia ressuscitar dos mortos” (Jo 20, 9).

Milagrosa imagem de um Varão crucificado

Durante aquela noite, Cristo havia vencido a morte, ressuscitando por Seu próprio poder. Ao retomar a vida, Seu corpo glorioso ficara miraculosamente marcado na Santa Síndone, onde já havia sinais anteriores do Preciosíssimo Sangue emanado das chagas de Sua Paixão.

Com efeito, na parte interna desse sagrado tecido, que estava em contato com o Corpo, podemos ver hoje, impressa de forma inexplicável e com incrível nitidez, a figura de um homem morto por crucifixação. Não



Quando, na madrugada do domingo, Madalena, Maria de Cléofas e Salomé, chegaram ao sepulcro, o corpo do Senhor não estava mais lá!

“Santas mulheres no sepulcro”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença

há sinais de pigmentos corantes nem de marcas de pincel. Pelo contrário, as fibras de linho encontram-se parcialmente desidratadas em minúscula profundidade, adquirindo deste modo diferentes tonalidades.⁴ E a milagrosa imagem assim estampada reflete a dolorosíssima Paixão de um Varão que, na força da idade, suportou padecimentos que desafiam a capacidade humana de sofrer.⁵

De adequadas proporções, com um metro e oitenta e três centímetros de altura, ampla frente, cabelos abundantes caindo ordenadamente até os ombros, uma nobre barba dividida em duas partes, espessas sobrelanceiras, bigode cerrado — possuía todas as características de um homem bem constituído.

Ressalta logo em Seu rosto a marca de um violento golpe que Lhe quebrou o septo nasal e causou grande inflamação em toda a face direita.⁶ Notam-se também as marcas do terrível tormento da flagelação, aplicada por dois algozes romanos, usando o pior dos açoites — o *flagrum* —, composto por três tiras de couro com bolas de metal nas pontas. Para aplicar-Lhe esse suplício, ataram o Réu a uma coluna de pouca altura, expondo Suas costas aos golpes de látigo. Há sinais de mais de 120 vergastadas na parte posterior do corpo, além de 70 outras nos braços, na parte dianteira das pernas e no peito.

Sobre Sua cabeça foi colocado um entrançado de ramos espinhosos, com pontas de quatro a seis centímetros. Uma delas atravessou a sobrelanceira esquerda, a ponto de quase impedir a abertura da pálpebra.

As grosseiras cordas com que O ataram deixaram marcas nos Seus pulsos e povoaram Sua cintura com coágulos de sangue, especialmente na parte das costas. Os ombros se apresentam escoriados, por haver suportado, durante um longo percurso, o peso de um áspero madei-

ro. Nos joelhos, nos peitos dos pés e no nariz há sinais de violentas batidas na terra, que abriram novas feridas. Nota-se em uma de Suas mãos a marca das feridas provocadas pelos cravos, das quais jorrou sangue em abundância, correndo pelos braços até os cotovelos. E os pés, pregados um sobre o outro, mostram-se quase totalmente banhados em sangue, inclusive na parte das plantas.

Longo percurso de Jerusalém a Turim

Como chegou até nós essa Sagrada Síndone? A história é longa e não isenta de lacunas e mistérios.

Guardada por José de Arimateia ou por Nicodemos, ela deve ter sido retirada de Jerusalém no ano 66, quando o Apóstolo Tiago, o Menor, foi martirizado e muitos cristãos fugiram da cidade, condenada à destruição.

É possível que o milagroso tecido tenha ficado um tempo em Pella, perto do Jordão, de onde passou para Edesa, no norte da Síria. Em 544 estaria depositado num nicho incrustado na muralha, e os habitantes dessa cidade atribuíram à sua presença a vitoriosa defesa contra o invasor persa, Cosroés. No século VII, Edesa caiu sob o domínio muçulmano, mas em 944 as tropas cristãs do Imperador Romano I conseguiram recuperá-la. E um dos preços exigidos ao sultão foi a entrega do denominado *mandilyon akeiropita*, “o tecido pintado não por mão de homem”, que podemos identificar com a Santa Síndone. Este era guardado num relicário, deixando à vista somente a imagem do divino Rosto.

A chegada de tão insigne relíquia a Constantinopla foi comemorada com festas especiais. Os cristãos abriram o tecido em toda a sua extensão e o veneraram como o pano sagrado que envolveu o Corpo de nosso Redentor. Naqueles remotos tempos, os constantinopolitanos não dispunham das inequívocas pro-



Na Santa Síndone podemos ver inexplicavelmente impressas, de forma nítida, as terríveis marcas da coroa de espinhos, dos pregos e da flagelação

vas científicas de nossos dias. Mas a mesma fé pela qual São João “viu e creu” (Jo 20, 8) levou-os a acreditar na veracidade desta Relíquia.

Por determinação do imperador, coube à igreja de Santa Maria de Blanquerna a conservação da preciosa Síndone. Segundo relatos de peregrinos da época, lá ela era exposta à veneração dos fiéis às sextas-feiras, inteiramente desdobrada. Nessa igreja permaneceu até o saque de 1204.

Os historiadores não estão de acordo a respeito da trajetória do *mandilyon akeiropita* ao longo dos 150 anos seguintes. Estava em mãos dos templários — afirmam uns. Foi guardado por um cavaleiro chamado Othon de la Roche, o qual o entregou em 1208 a um santuário por ele mandado construir em Besançon, França — opinam outros.

A partir de 1353, o percurso da Santa Síndone não apresenta dúvidas do ponto de vista histórico. Nesse ano, ela aparece em mãos de Geoffroi de Charny, que a depositou na igreja colegial de Lirey, noroeste da França, onde permaneceu até 1410 ou 1418. Os descendentes de Charny decidiram tirá-la de Lirey, devido aos constantes saques ocorridos na região, e a cederam à Casa de Saboia em 1453. O Duque de

Saboia mandou conservá-la, exposta à veneração dos fiéis, na Catedral de Chambéry, cidade francesa situada aos pés dos Alpes, nas proximidades da Suíça e da Itália.

Durante um terrível incêndio nessa Catedral, em 1532, fundiu-se um dos cantos do relicário de prata, danificando irreparavelmente a Síndone, que ali se conservava dobrada. São restos desse incêndio as marcas chamuscadas das dobras e os furos triangulares perfeitamente visíveis em qualquer fotografia, os quais pacientes mãos de religiosas clarissas remendaram com amor, segundo as melhores técnicas da época.

O Arcebispo de Milão, São Carlos Borromeo — o grande Cardeal reformador do clero e da vida religiosa — foi a causa do novo e último traslado da Santa Síndone. Tendo feito voto de ir em peregrinação a Chambéry para venerar essa relíquia, partiu em 1578. O Duque de Saboia, porém, quis poupar ao Arcebispo já ancião as incomodidades de uma viagem de 350 quilômetros por terreno montanhoso, muito penosa em razão das precárias condições daqueles tempos. Enviou então a sagrada relíquia para Turim, distante apenas 140 quilômetros de Milão. E lá ficou até hoje.

O Rei Humberto II da Itália, descendente dos Duques da Saboia, faleceu em 1983, deixando em herança a Síndone à Santa Sé. E o Papa João Paulo II confiou sua guarda ao Arcebispado de Turim.

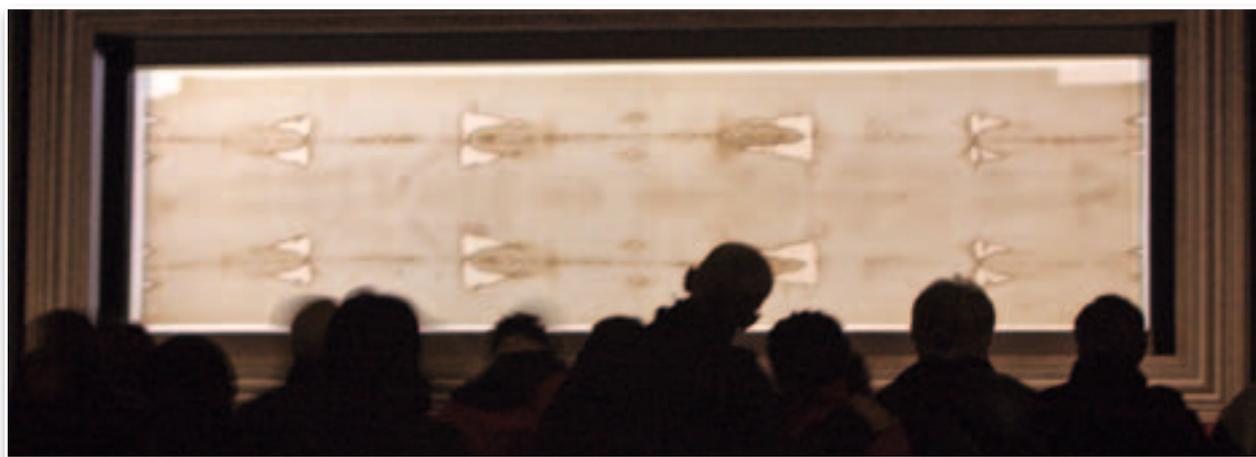
Venerada e adorada pelos Papas

“Este tecido de linho no qual Nosso Senhor Jesus Cristo foi envolto [...] vós o deveis venerar e adorar” — disse o Papa Júlio II (1503-1513), ao aprovar a Missa e o Ofício pelos quais, com sua autorizada palavra de Vigário de Cristo na terra, oficializou o culto público à Santa Síndone.

Desde então, numerosos foram os santos e pontífices que peregrinaram a Turim para rezar perante a sagrada relíquia. Entre eles, constam Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI e João Paulo II.

“Venerar e adorar”, recomendara Júlio II. E com muita razão, não apenas porque a Santa Síndone tem misteriosamente estampada a imagem do corpo do Redentor, como também por estar ela impregnada do Sangue de Jesus, o Filho de Maria, Deus feito homem, que nos ama com amor infinito e morreu na Cruz para nos salvar.

A mostra ocorrida em abril e maio deste ano constituiu, em palavras de



De 10 de abril a 23 de maio, o Santo Sudário atraiu mais de 2,1 milhões de pessoas, de todos os continentes, que formaram infintas filas para poder venerá-lo de perto por alguns instantes

Bento XVI, “uma ocasião mais propícia do que nunca para contemplar aquela Face misteriosa que, silenciosamente, fala ao coração dos homens, convidando-os a reconhecer n’Ela o Rosto de Deus, que ‘amou de tal forma o mundo, que entregou o Seu Filho único para que todo o que n’Ele acreditar não morra, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16).⁷

Peregrino em Turim, ajoelhado ele próprio ante a Santa Síndone, o Santo Padre deste modo expressou seus sentimentos: “Exatamente do escuro da morte do Filho de Deus brilhou a luz de uma esperança nova: a luz da Ressurreição. E eis que, parece-me, olhando para este Santo Lençol com os olhos da Fé se perceba algo desta luz. Com efeito, o Sudário foi imerso naquela escuridão profunda, mas ao mesmo tempo é luminoso; e eu penso que se milhões e milhões de pessoas vêm venerá-lo — sem contar quantos o contemplam através das imagens — é porque nele veem não só a escuridão, mas também a luz”.⁸

A Santa Síndone é, verdadeiramente, testemunha muda da sepultura e da Ressurreição de Jesus! ✧



A face misteriosa representada na Santa Síndone fala ao coração dos homens, convidando-os a reconhecer nela o Rosto misericordioso de Deus

Detalhe do rosto, em negativo

¹ Por ter sido dobrado duas vezes, foram quatro as imagens do rosto de Nosso Senhor que ficaram estampadas nesse tecido. A mais famosa delas é venerada no Santuário do Volto Santo de Manoppello (Itália), visitado por Bento XVI em 1º de setembro de 2006.

² Ele se conserva atualmente na Câmara Santa da Catedral de Oviedo, Espanha (Cf. Revista *Arautos do Evangelho*, nº 77, maio 2008).

³ Este tecido foi provavelmente confeccionado na Síria, com linho fiado a mão, formando uma peça que media 20 ou 30 metros, dos quais José de Arimateia comprou tão somente os quatro metros e meio de que necessitava.

⁴ Aqueles que defendem ser a Santa Síndone uma falsificação medieval não conseguiram, até a presente data, reproduzir a suposta “falsificação”, condição necessária para tornar verossímil sua tese. Também não lhes foi possível explicar, de forma satisfatória, qual teria sido a técnica utilizada para estampar a imagem do Redentor no Sagrado Tecido.

⁵ Há numerosos estudos científicos sobre a Santa Síndone ao alcance de qualquer pessoa, entre os quais o livro de BARBERIS, Bruno y BOCCALETTI, Massimo. *Síndone – imagine su un crocifisso*, editado este ano em Milão pela San Paolo (Paulinas), no qual estão baseadas algumas das afirmações feitas neste artigo. Pode-se também consultar o

site do STURP (www.shroudstory.com), um grupo de cientistas que, desde 1978, analisa o milagroso tecido sob diversas perspectivas.

⁶ Estando Ele na casa de Caifás, “um dos guardas presentes deu uma bofetada em Jesus, dizendo: ‘É assim que respondes ao sumo sacerdote?’” (Jo 18, 22). Para alguns exegetas, o termo grego (πάσσημα) mais que uma bofetada queria indicar um golpe com um bastão ou uma vara, capaz de romper o tabique nasal.

⁷ Discurso aos participantes da peregrinação promovida pela Arquidiocese de Turim, 2/6/2008.

⁸ Veneração do Santo Sudário - Turim, 2/5/2010.

Apóstolo do confessionalário

Deus lhe designou como “terra de missão” uma pequena cela na qual, durante quase quarenta anos, atendeu incansavelmente os pecadores que a ele acorriam em busca do Sacramento da Reconciliação.



Pe. Edwaldo Marques, EP

Era o dia 14 de maio de 1944. A Europa estava em plena guerra e a Itália, aliada da Alemanha, sofria as consequências do seu envolvimento no conflito. Pádua tinha sido escolhida como alvo da aviação inimiga. As bombas choviam, devastando a cidade. A igreja dos capuchinhos foi duramente atingida, bem como grande parte do convento.

Cessada a tempestade, quando a fumaça se dissipou, o trágico alcance da destruição apareceu aos olhos de todos. Algo, porém, chamava enormemente a atenção: uma pequena parcela daquele mosteiro permanecia intacta no meio das ruínas. A fúria demolidora do bombardeio respeitara de modo miraculoso apenas um aposento e uma imagem de Nossa Senhora das Graças.

Doze anos antes — em 23 de março de 1932 —, um frade desse mesmo mosteiro, chamado Frei Leopoldo, predissera que a Itália seria envolvida num mar de fogo e sangue. Iniciada a guerra, perguntaram-lhe se Pádua seria bombardeada. Sua resposta foi clara: “Se-

rá, e duramente. Também o convento e a igreja serão atingidos, mas esta pequena cela, não, esta não! Aqui Deus usou de tanta misericórdia para com as almas, que deve ficar como monumento de Sua bondade!”¹

E o lugar que permaneceu intacto durante o bombardeio foi precisamente a cela-confessionalário de frei Leopoldo Mandić, onde durante quase quarenta anos, de dez a doze horas por dia, ele ouviu em confissão milhares e milhares de almas arrependidas.

Dalmácia: terra de tradições cristãs

Tal como São Jerônimo, frei Leopoldo era dálmata. Nasceu em 12 de maio de 1866, na pequena cidade de Castelnovo, localizada na belíssima Baía de Cátaro. Embora a região da Dalmácia integre em nossa época o território croata, não se desvinculou, nos panoramas da História, dos dias em que abrigara os palácios de férias dos imperadores romanos, atraídos pelos irresistíveis encantos de sua costa. Com efeito, desde aqueles remotos tempos até os dias

de hoje, a proximidade com a Península Itálica propiciou um intercâmbio cultural ininterrupto.

Por tais influências, a família de Frei Leopoldo era profundamente católica. Os pais, Pedro Mandić e Carolina Zarević, descendiam da antiga nobreza local, e cultivavam tradições legadas por seus maiores, fruto de um passado rico em serviços prestados à nação e à Igreja. Isso marcou indelevelmente a alma do futuro sacerdote.

Dos doze filhos do casal, ele era o mais jovem e, também, o menos robusto. Sua compleição, menos avantajada que a da média de seus conterrâneos, escondia entretanto uma alma de gigante, daquela sorte de homens que, quanto mais se conhece, maiores parecem ser, sobretudo pela união e entrega a Deus, fazendo jus ao nome recebido na pia baptismal: Bogdan, que significa Adeodato, “dado a Deus”.

“Não posso chorar; vou para a casa do Senhor”

Sua infância e adolescência foram assinaladas por admirável clari-

vidência de espírito, a qual só podemos explicar pelo vigor da Fé que ele possuía desde tenra idade.

Menino de agudo senso analítico, sentiu-se chocado ante os embates surgidos do ódio entre raças e religiões, ocasionados na Croácia por anos consecutivos de guerra e ocupações estrangeiras. À medida que passava o tempo, o jovem Bogdan penetrava na raiz daquelas discórdias, compreendendo como os homens, quando se afastam de Deus, acabam por se render às suas más inclinações. Discernia também, com toda clareza, o quanto podia a Igreja Católica ser naquela conjuntura um poderoso instrumento de paz.

As primeiras decisões por ele tomadas na vida foram coerentes com a luz interior que Deus lhe havia concedido. Sem titubear, abraçou a vocação franciscana, em seu ramo capuchinho, aos 16 anos de idade. Alimentava desde o início o veemente desejo de dedicar-se às missões nos Bálcãs, para trazer de volta ao seio da Igreja aqueles que dela se haviam separado.

Designado pelos superiores para realizar o noviciado na Itália, não podia ocultar seu contentamento aos parentes quando, em prantos, dele vieram se despedir. Indagado sobre sua isenção de ânimo num momento tão difícil para a maioria dos vocacionados, respondeu sorrindo: “Não posso chorar. Vou para a casa do Senhor. Como querem que eu chore?”²

Deus o chama a ser missionário

Os meses de inverno se aproximavam no seminário capuchinho de Údine, quando chegou Bogdan, em novembro de 1882. Ali, o noviço aplicou-se aos estudos e fez rápi-



São Leopoldo Mandić em 1917

dos progressos, mas, sobretudo, dava bons exemplos.

Em 1884, foi transferido para Bassano del Grappa, onde recebeu o hábito da ordem, com o nome de Frei Leopoldo. Sofreu muito devido à sua débil compleição física e ao rigor do noviciado dos capuchinhos, mas tudo enfrentou com heroísmo, tendo a alma sempre posta no ideal das missões. Professou no ano seguinte e retomou os estudos em Pádua, onde fez Filosofia; depois iria para Veneza, cursar Teologia.

Em junho de 1887, quando ainda era estudante em Pádua, ouviu claramente no fundo da alma a voz de Nosso Senhor que o convidava a ser missionário entre os ortodoxos para reconduzi-los ao seio da Santa Igreja. A data ficou-lhe tão marcada que, meio século depois, escrevia: “Este ano é o quinquagésimo aniversário de quando, pela primeira vez, ouvi a voz de Deus que me chamava para rezar e promover o retorno dos dissidentes orientais à unidade católica”.³

Para melhor compenetrar-se dessa missão, obrigou-se por voto a cumpri-la. Estudava com afincos as

línguas balcânicas e confiava em converter aqueles povos, sobretudo por meio da devoção a Nossa Senhora, que pretendia difundir pela palavra escrita e falada.

Tão logo recebeu a ordenação sacerdotal, em 20 de setembro de 1890, em Veneza, pediu autorização para partir e lançar-se na missão. Mas esta lhe foi negada, devido a seu precário estado de saúde.

Inesperada terra de missão e campo de batalha

Deus tem misteriosos desígnios a respeito de seus santos! Frei Leopoldo nunca pôde viajar para os Bálcãs, como tanto havia desejado. Os verdadeiros contornos de sua missão eram outros e foram se delineando pouco a pouco ante seus olhos: a Providência queria que ele se sacrificasse por aquele povo separado da Igreja, sofrendo, como vítima expiatória, um martírio interior.

O confessionário foi o principal instrumento para a realização de tal oferecimento: nele permanecia todos os dias mais de dez horas, às vezes doze, atendendo almas às quais consolava, orientava e ministrava o Sacramento da Reconciliação. Jamais deixou de mostrar-se solícito com quem o procurava, mesmo quando se tratava de pessoas impertinentes ou quando o horário já era tardio. O pequeno espaço de sua cela-confessionário transformou-se para ele num verdadeiro campo de batalha. Dizia com frequência: “Devo fazer tudo só para o bem das almas, tudo, tudo mesmo! Quero e devo morrer lutando”.⁴

Só no fim da vida, Frei Leopoldo iria revelar a um irmão leigo capuchinho um esclarecedor fato ocorrido no início de sua vocação. Cer-

to dia, após ministrar a Sagrada Comunhão a uma pessoa piedosa, esta lhe confidenciou: “Padre, Jesus me mandou dizer-lhe que cada alma que o senhor assiste aqui em confissão é o seu Oriente”.⁵

Ele nunca pôde ser missionário nos Bálcãs, mas exerceu uma profícua atividade apostólica sem jamais perder de vista esse grande horizonte. Em setembro de 1914, deixou escrito este testemunho: “O fim de minha vida deve ser procurar o retorno dos dissidentes orientais à unidade católica, isto é, devo dirigir todas as ações de minha vida diante de Deus, na fé e na caridade de Nosso Senhor, vítima propiciatória pelos pecados do mundo, de modo que, no que toca à minha insignificância, minha vida dê alguma coisa a tamanha obra, pelo mérito do sacrifício”.⁶

Dons de exímio confessor

Franzino, de pequena estatura, voz fraca, Frei Leopoldo nada aparentava, do ponto de vista natural, que pudesse atrair as pessoas. Entretanto, suas palavras simples, embebidas de amor a Deus e ao próximo, penetravam profundamente nos corações e os transformavam.

Possuía em tão alto grau o dom da sabedoria e do conselho que pessoas de todas as classes sociais vinham pedir sua sábia orientação. Inclusive altos dignitários eclesiais consultavam sobre intrincados problemas de suas dioceses ou funções.

Recebeu de Deus também o dom de perscrutar os corações e disto nos dá testemunho, por exemplo, o Sr. José Bolzonella, de Pádua, o qual frequentemente acorria a Frei Leopoldo para receber o Sacramento da Reconciliação. Numa manhã, quando ele se ajoelhou no confessional, o capuchinho narrou-lhe, em pormenores, tudo quanto ele havia feito. Vendo seu penitente profundamente impressionado, o padre concluiu, fitando-o com amabilidade: “Fique tranquilo! Fique tranquilo e não pense mais nisso”.⁷

O santo confessor demonstrava particular zelo em reconduzir ao bom caminho os penitentes que se acusavam de faltas contra a pureza, de modo superficial e sem manifestar arrependimento sério, sobretudo quando se tratava de atos públicos. Reagia com severidade, objetivando movê-los à contrição e acordá-los do seu letargo. Esse gênero de pecados causava-lhe um verdadeiro horror, pois ele era de uma castidade ilibada. Chegou a dizer, em sua velhice, que sentia ter ainda uma alma de criança, dando a entender que conservara intacta a inocência batismal.

Seu trato com as almas vinha marcado por uma extrema bondade. E se alguém manifestasse estranheza diante de tanta afabilidade, sempre apontava para o Crucifixo, dizendo ter sido Jesus quem lhe havia ensinado e dado o exemplo.

Pouco antes de morrer, declarou que confessava há mais de 50 anos e não sentia remorso por ter quase sempre absolvido o penitente, mas sim pesar pelas poucas ocasiões nas quais não pudera fazê-lo; e examinava-se rigorosamente para saber se, nesses casos, havia feito tudo quanto estava a seu alcance para que aquelas almas fossem tocadas pela graça do arrependimento.

Contudo, quando necessário, sabia manifestar uma fortaleza capaz de vencer os corações mais duros. Certo dia, apresentou-se diante dele um pecador inveterado, alegando falsas teorias para legitimar seus erros. Frei Leopoldo, com grande caridade, procurou dissuadi-lo de sua má atitude. Mas quando percebeu que todos os argumentos eram inúteis, levantou-se com o rosto inflamado de santa indignação e apontou-lhe a porta, dizendo em tom severo: “Olhe, com Deus não se brinca; vá e morrerá no seu pecado!”.⁸

Como que atingido por um raio, o pecador caiu de joelhos aos seus pés e, debulhado em lágrimas, pediu



© Sanitbeati.it



Ricardo Castelo Branco

Em 1963, o corpo incorrupto de Frei Leopoldo foi trasladado para uma capelinha construída ao lado de sua cela-confessional

perdão, prometendo renunciar totalmente aos seus falsos princípios. O santo sacerdote abraçou-o, misturando suas lágrimas às dele, e emocionado por ver a ação da graça, disse-lhe: “Agora somos irmãos!”.

Pediu a graça de morrer combatendo

O amor enlevado à Cruz marcou a vida de Frei Leopoldo. Além do heroico empenho no atendimento diário das confissões, vivia em constante luta contra seu temperamento forte e impetuoso. Também não lhe faltaram sofrimentos físicos: dores gástricas, oftalmias, artrite deformante.

Depois da celebração do seu jubileu de ouro sacerdotal, em 1940, seu estado de saúde piorou muito. Uma breve melhoria permitiu-lhe voltar ao “campo de batalha”, mas pouco depois foi-lhe diagnosticada a doença que o levaria à morte: um tumor maligno no esôfago. A enfermidade progrediu a ponto de não lhe ser possível deglutir alimento algum, com exceção das Sagradas Espécies, graça singular que lhe causava imensa alegria.

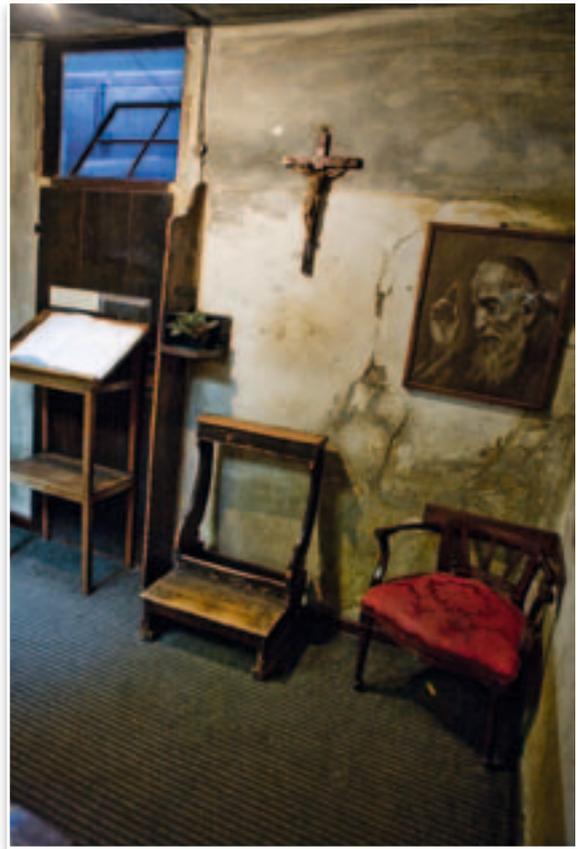
Vendo aproximar-se a hora final, Frei Leopoldo pediu a graça de morrer combatendo, e a obteve. No dia 30 de julho de 1942, levantou-se às cinco e meia da manhã e dirigiu-se à capela da enfermaria. Na véspera, apesar do seu estado precário, tinha atendido várias confissões. Após uma hora de orações, caminhava rumo à sacristia a fim de preparar-se para celebrar a Santa Missa, quando subitamente caiu ao solo. Levado para o leito, recebeu a Unção dos Enfermos, ainda com inteira lucidez. O superior do convento recitou três vezes a Ave Maria e depois a Salve Rainha. O santo frade repetia as palavras, com voz cada vez mais fraca. Quando terminou de dizer: “Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria”, sua alma voou para o Céu.

O bom pastor oferece a vida por suas ovelhas

A notícia do falecimento se espalhou rapidamente pela cidade e aldeias vizinhas. Multidões desfilaram diante de seu corpo e um clamor popular dizia a uma só voz: “Morreu um santo!”.⁹ No dia seguinte, um imenso cortejo triunfal o conduziu ao cemitério, entre alas de pessoas que permaneciam ajoelhadas e lançavam flores sobre o féretro.

Em 1963, o corpo incorrupto de Frei Leopoldo foi trasladado para uma capelinha construída ao lado de sua cela-confessionário. O Papa Paulo VI o proclamou bem-aventurado em 1976, e João Paulo II o canonizou em 1983, quando se realizava o Sínodo Mundial dos Bispos, convocado para tratar do Sacramento da Penitência; precisamente o Sacramento que o santo capuchinho tanto amou.

As palavras do Papa, nessa ocasião, foram muito significativas e resumem a vida de virtude heroica de São Leopoldo: “Para todos aqueles que o conheceram, ele não foi mais que um pobre frade, pequeno e doentio. A sua grandeza está em outra parte: em *oferecer-se como sacrifício*, em doar-se, dia após dia, por todo o tempo da sua vida sacerdotal, ou seja, por 52 anos, no silêncio, na discrição, na humildade de uma pequena cela-confessionário: ‘O bom pastor oferece sua vida pelas ovelhas’”.¹⁰ ✧



Ricardo Castelo Branco

Cela-confessionário onde frei Leopoldo ouviu em confissão milhares e milhares de almas

¹ BERNARDI, P.E. *Leopoldo Mandić – Santo da Reconciliação*. 7.ed. Padova: Violato, 2004, p.49-50.

² Idem, p.9.

³ Idem, p.62.

⁴ Idem, p.37.

⁵ VALDIPORRO, OFM Cap., Pedro de. *Não me conheces? – Frei Leopoldo – Capuchinho*. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1958, p.56.

⁶ Idem, p.55.

⁷ Idem, p.145.

⁸ BERNARDI, op. cit., p.41.

⁹ Idem, p.82.

¹⁰ JOÃO PAULO II. Homilia na Missa de canonização de São Leopoldo Mandić, em 16/10/1983. In: *L'Osservatore Romano*. Cidade do Vaticano, 17-18 out., 1983, p.4.



Primeiro representante diplomático dos Emirados Árabes Unidos junto à Santa Sé

A embaixadora dos Emirados Árabes Unidos, Hissa Abdulla Ahmed Al-Otaiba, apresentou em 20 de maio suas credenciais ao Papa Bento XVI. Nascida em Abu Dhabi, casada e com seis filhos, a Sra. Hissa é a primeira representante diplomática dessa nação junto à Santa Sé.

“A ação da Igreja no campo das relações diplomáticas promove a paz, os direitos humanos e o desenvolvimento integral, e desta forma incentiva o progresso autêntico de todos, sem considerar a raça, a cor ou o credo” — salientou o Santo Padre, em seu discurso de boas vindas.

Os Emirados Árabes Unidos têm quase cinco milhões de habitantes, dos quais 96% são muçulmanos.

Especialistas refletem sobre o mundo angélico

Estudiosos provenientes de diversas regiões da Itália reuniram-se na cidade de Campagna (Salerno) nos dias 1º e 2 de junho para participar do VI Encontro de Angeologia, que teve como tema central *Os Anjos dos Presbíteros e da Igreja*.

Promovido pela Associação da Milícia de São Miguel Arcanjo, o evento contou com expositores como o Pe. Renzo Lavatori, professor de Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Urbaniana, Roma, que abordou o tema *São Josemaría Escrivá e o mundo angélico* e Pe. Marcello

Stanzione, diretor da Milícia de São Miguel Arcanjo, que discorreu sobre *Os Anjos do Santo Cura d’Ars*.

Filme sobre os mártires de Tibhirine é premiado em Cannes

Um filme sobre os sete monges trapistas do Mosteiro de Nossa Senhora do Atlas, em Tibhirine, Argélia, sequestrados e assassinados em 1996 por agentes dos Grupos Islâmicos Armados (GIA), recebeu o Grande Prêmio na 63ª edição do festival de Cannes. Dirigida pelo cineasta Xavier Beauvois, a película premiada leva por título *Des hommes y des dieux* e reproduz na tela a história dos três últimos anos de vida desses monges.



Bento XVI recebe convite para visitar a Ucrânia

A Conferência dos Bispos Católicos da Ucrânia fez ao Papa Bento XVI um convite para visitar esse país em 2012, por ocasião do 600º aniversário da transferência da sede primaz da cidade de Galich para Lviv.

O anúncio foi feito em 28 de maio por Dom Mieczysław Mokrzycki, Arcebispo de Lviv, que foi secretário particular do Papa João Paulo II, e posteriormente de Bento XVI, no período de 1996 a 2007.

Ordem Mercedária tem novo Mestre Geral

O Capítulo Geral da Ordem Mercedária elegeu em 18 de maio seu novo Mestre Geral, Frei Pablo Bernardo Ordoñez, para um mandato de seis anos (2010-2016). Nascido em São Miguel de Tucumán, Argentina, em 1969,

ingressou na Ordem em 1988, fez a profissão solene em 1991 e foi elevado ao cargo de Superior Provincial desse país em novembro de 2009.

Fundada por São Pedro Nolasco, em 1218, no então Reino de Aragão, a Ordem das Mercês conta atualmente com 800 frades e prepara-se para comemorar seu 8º centenário de fundação.

Atentado sacrílego na Califórnia

Duas imagens sagradas foram vítimas de um atentado sacrílego na cidade californiana de Maywood. Na madrugada de 24 de maio, criminosos entraram na Igreja de Santa Rosa de Lima, esfaquearam em várias partes do corpo, inclusive no rosto, a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, e incendiaram e destruíram uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, informa a *Rádio Vaticano*.

Segundo notícia divulgada pela agência *ACI*, o porta-voz do departamento de polícia qualificou de “vandalismo de uma natureza terrível” e de “crime de ódio” essa violenta profanação.

Família da Esperança recebe aprovação pontifícia

A Santa Sé concedeu à “Família da Esperança” o título de Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício. Seus fundadores — Frei Hanz Stapel e Nelson Giovanelli — receberam no Vaticano, em 24 de maio, o Decreto de aprovação, entregue pelo Cardinal Stanisław Rylko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos.

A associação recém-aprovada atua principalmente na recuperação de dependentes químicos. Suas atividades se iniciaram em 1983 na cidade paulista de Guaratinguetá, onde foi criada a primeira “Fazenda da Esperança”, visitada por Bento XVI em sua viagem ao Brasil, em maio de 2007. Hoje a instituição estendeu-se por todo o Brasil e mais nove países: Alemanha, Rússia, Filipinas, Moçambi-

Quase 100 mil fiéis no encerramento do XVI Congresso Eucarístico Nacional

Quase 100 mil fiéis participaram da Missa de encerramento do XVI Congresso Eucarístico Nacional, dia 16 de maio, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A celebração foi presidida pelo Cardeal Cláudio Hummes, OFM, Prefeito da Congregação para o Clero e Arcebispo emérito de São Paulo, como legado pontifício.

No fim da Eucaristia, o Arcebispo Dom João Braz de Aviz agradeceu a presença de Dom Cláudio e presenteou-o com um cálice e uma patena. Também lhe pediu que levasse ao Papa Bento XVI, de presente, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que veio do Santuário Nacional.



Iniciado no dia 13 com uma Missa da qual participaram mais de 50.000 fiéis (foto acima), o Congresso incluiu solenes Celebrações Eucarísticas, uma procissão com o Santíssimo Sacramento e uma Vigília Eucarística com os jovens, além de um simpósio teológico e outro de Bioética, realizados no Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

que, Guatemala, Paraguai, Uruguai, Colômbia, e Argentina. Mais de 3 mil dependentes químicos são acolhidos atualmente em 68 fazendas.

Papa estimula as Pontifícias Obras Missionárias

Realizou-se em Roma, de 17 a 21 de maio, a Assembleia Ordinária do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias (POM), da qual participaram 118 diretores nacionais, procedentes dos cinco continentes.

No último dia da Assembleia, os participantes foram recebidos em audiência privada por Bento XVI, que após saudar cordialmente ao Cardeal Ivan Dias e manifestar-se particularmente grato à Congregação para a Evangelização dos Povos pelo labor realizado, pôs em realce a importância e envergadura cada vez maiores da *missio ad gentes*.

“A missão da evangelização é imensa — afirmou o Papa —, espe-

cialmente nesta nossa época, em que a humanidade sofre uma certa falta de pensamento reflexivo e sapiencial e se difunde um humanismo que exclui Deus. Por isso, é ainda mais urgente e necessário iluminar os novos problemas que sobressaem com a luz do Evangelho que não muda”.

Igreja quer mais inscrições na disciplina de EMRC

Ecclesia - “Eu quero!” é o lema com que os responsáveis pela disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) no nosso país querem cativar os alunos numa campanha de matrículas neste final de ano lectivo.

Presente desde o Ensino Básico ao Secundário, em regime opcional, esta é uma disciplina que se apresenta como “um espaço educativo de grande interesse” no contexto de “uma autêntica educação integral”.

O desdobrável que promove a inscrição em EMRC para o ano lec-

tivo 2010/2011 sublinha que “a dimensão religiosa é fundamental para se dar resposta à inquietação humana pelo sentido último da vida”.

“O conhecimento da mensagem cristã é essencial para a definição da própria identidade, no contexto de um país com profundas raízes cristãs”, assinala-se ainda.

Tornar operativa a visita de Bento XVI a Portugal

De 14 a 17 de Junho, reunidos em Fátima, os bispos, participaram nas “Jornadas Pastorais do Episcopado” que este ano tiveram como tema: “Repensar juntos a pastoral da Igreja em Portugal — Interpelações sócio-culturais”.

Nessas jornadas pastorais os bispos portugueses procuraram “detectar e interpretar os sinais interpelantes para a Igreja, partindo da actual situação em Portugal, a nível económico, social e cultural, a fim de poder

discernir por que caminhos nos guia o Espírito de Deus, e assim responder, com coragem e esperança, aos desafios do nosso tempo para servir mais e melhor os nossos contemporâneos” — realça o comunicado final da Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP).

Na Assembleia Plenária Extraordinária desse organismo, realizada em 17 de Junho, a visita de Bento XVI a Portugal no passado mês de Maio ocupou um lugar central. Foi sublinhada a “adesão vibrante do povo de Portugal, incluindo da faixa etária juvenil, que, em sucessivas assembleias de centenas de milhares de fiéis, participou nas celebrações presididas pelo Santo Padre”.

Em relação às propostas e desafios que Bento XVI deixou aos portugueses, os bispos alertam para a leitura dos documentos. “Precisam

de ser lidos, reflectidos e rezados, a fim de que se tornem operativos”.

“O precioso tesouro da passagem entre nós do Sucessor de Pedro não pode ficar escondido nos arquivos nem perdido na saudade desse acontecimento profundamente festivo”. E adianta: “Tem que ser posto a render para que as nossas Igrejas locais se revitalizem, ultrapassando rotinas e desalentos, e sejam mais santas, criativas e apostólicas”.

Aumenta o número de diáconos permanentes nos Estados Unidos

Segundo dados publicados em fins de maio na página web da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (<http://www.usccb.org>), cresce nesse país o número de diáconos permanentes: são atualmente 17.047, ou seja, 600 a mais do que no ano de

2007. Desse total, 92% são casados e 66% já completaram 60 anos de idade.

Intitulado *Perfil do Diaconado Permanente – 2010*, o documento salienta que 21 das dioceses pesquisadas contam com mais de 200 diáconos permanentes cada uma, e que a de Chicago tem o maior número: 646.

Dominicano é ordenado Bispo no Vietnã

O Santo Padre nomeou, em 13 de maio, o sacerdote dominicano Paul Nguyễn Thai Hop como novo Bispo de Vinh, no Vietnã. Dom Nguyễn recebeu a ordenação sacerdotal em 1972 e doutorou-se em filosofia e teologia. Leciona Ética e Doutrina Social da Igreja no Centro de Estudos Dominicanos e em vários institutos religiosos, além de Ciências Religiosas na Universidade de Hochiminh.

Vicentinos elegem novo Presidente Geral

O cingapurense Michael Thio Yauw Beng é o novo Presidente Geral da Confederação Internacional da Sociedade de São Vicente de Paulo, escolhido durante a Assembleia Geral Extraordinária, realizada de 27 de maio a 1º de junho, na cidade espanhola de Salamanca. É a primeira vez que esta Instituição eclesial, fundada há 177 anos, confia seu mais alto cargo diretivo a um associado não europeu.

A sessão em que Thio foi eleito com a expressiva maioria de 87% dos votos, contou com a presença do Cardeal Paul Josef Cordes, Presidente do Pontifício Conselho Cor Unum. O prelado deu início aos trabalhos falando sobre o Beato Frederico Ozanam e as origens da Associação, e entregou ao presidente cujo mandato findava, o espanhol José Ra-



Michael Thio Yauw Beng, novo Presidente Geral da Sociedade de São Vicente de Paulo

món Díaz-Torremocha, a medalha de São Gregório Magno, conferida pelo Papa Bento XVI em reconhecimento aos serviços prestados à Igreja.

A Confederação Internacional da Sociedade de São Vicente de Paulo congrega 51 mil Conferências nacionais de 146 países, as quais contam com 750 mil membros apoiados por 1,5 milhão de voluntários. Pode assim prestar assistência a quase 40 milhões de pessoas, entre as quais vítimas de desastres naturais, como, por exemplo, os recentes tufões na Ásia, os terremotos na Indonésia e no Chile, as inundações na Índia. No Haiti,

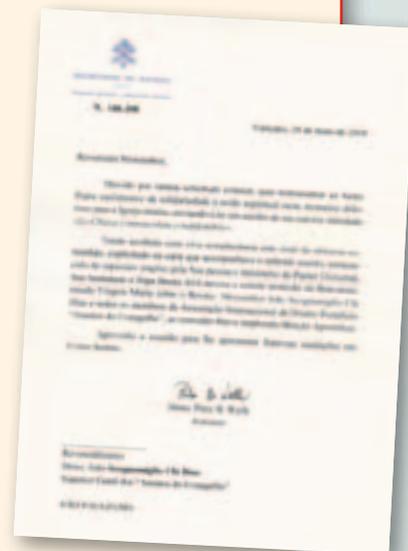
onde atua nas zonas mais pobres, criou a “Rede Zafén”, que facilita aos artesãos e às pequenas empresas o acesso ao crédito.

Agradecimento da Santa Sé ao fundador dos Arautos

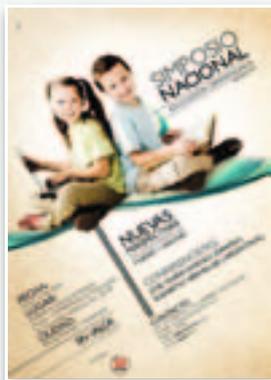
Através de carta assinada por Mons. Peter Wells, assessor da Secretaria de Estado do Vaticano, Sua Santidade o Papa Bento XVI manifesta ter acolhido “com viva complacência” o “sinal de afetuosa comunhão” enviado por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, manifestando ao Sucessor de Pedro sentimentos de filial e calorosa devoção “nesse momento de tribulação para a Igreja” e empenhando o incondicional apoio dos Arautos do Evangelho à Santa Sé.

A missiva do fundador dos Arautos estava acompanhada de um documento de sua autoria, intitulado *A Igreja é imaculada e indefectível*, no qual é apresentada uma análise serena e equilibrada da conduta indigna de alguns sacerdotes e são refutados os principais argumentos da campanha publicitária organizada contra a Igreja.

O texto íntegro deste estudo pode ser encontrado em www.joaocladias.org.br, seção “Artigos”.



A Diocese de Vinh, sufragânea da Arquidiocese de Hanói, tem cerca de 500 mil católicos, 177 paróquias, 167 sacerdotes diocesanos, 610 religiosas e 88 seminaristas maiores.



Simpósio Nacional na Colômbia discutiu modelos de educação

No Simpósio Nacional de Educação Diferenciada — realizado em 21 de maio na cidade de Bucaramanga, Colômbia —, especialistas provenientes de vários países debateram sobre qual será o modelo mais adequado para educar meninos e meninas: colégio misto ou separado por sexo?

O Encontro foi promovido pela Associação para o Ensino (ASPA-EN) — instituição educativa criada sob a orientação do fundador do Opus Dei, São Josemaría Escrivá — e contou com o apoio da Associação Latino-americana de Centros de Educação Diferenciada (ALCED).

Para José Maria Barnils, presidente da Associação Europeia de Educação Diferenciada, o regime de separação “propõe o respeito entre ambos os sexos, porque homens e mulheres compartilham a mesma dignidade humana, mas diferem quanto às formas de alcançar as metas”.

O assunto tem sido objeto de debates e experiências em vários outros países, como Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Nova Zelândia e Suécia. Na Colômbia, 484 estabelecimentos escolares adotam o regime de Educação Diferenciada.

Peregrinação Nacional das Crianças a Fátima

Nos dias 9 e 10 de Junho, o Santuário de Fátima acolheu a Peregrinação Nacional das Crianças, com-

posta de 30 mil meninos e meninas provenientes de todas as dioceses portuguesas, sob a presidência de Dom Manuel Clemente, Bispo do Porto.

Nas celebrações do dia 10 — recitação do Rosário, seguido de Santa Missa —, os pequenos peregrinos foram convidados a refletir sobre a realidade dos Anjos, mensageiros e protetores de cada pessoa e de cada nação. E todos receberam de presente um exemplar do livro *O Anjo de Fátima*, que contém o relato das aparições do Anjo e uma parte das Memórias da Irmã Lúcia.

Irmãs Canossianas: 150 anos de missão em Hong Kong

Uma solene Missa, celebrada na Catedral de Hong Kong em 11 de maio, marcou o início das comemorações dos 150 anos de missão das Irmãs Canossianas nessa cidade.

A Congregação das Filhas da Caridade chegou a Hong Kong em 1860 e a Macau em 1874, dedicando-se às atividades evangelizado-

ras nos campos da educação, da saúde e do serviço social. “A Congregação considera a formação espiritual como núcleo de nossa missão e da pastoral para responder aos sinais dos tempos”, declarou à agência *Fides* a Superiora da Província de Hong Kong, Irmã Cynthia Chan.

Crescem as vocações sacerdotais na Austrália

No dia 11 de junho, seis novos sacerdotes foram ordenados em Sydney e seis outros em Melbourne — informa a agência *Fides*. Em ambas as dioceses verificou-se um significativo aumento no número de seminaristas maiores: 113 no total.

Para o Pe. Brendan Lane, Reitor do Seminário Corpus Christi,

de Melbourne, trata-se de um “milagre ocorrido no Ano Sacerdotal”. Comentou também ser o resultado de uma reação ao declínio das vocações e das ordenações sacerdotais e religiosas dos últimos anos. O Pe. Anthony Percy, Reitor do Seminário do Bom Pastor, de Sydney, atribui essa reação também aos efeitos da Jornada Mundial da Juventude, realizada nessa cidade em 2008.

Seis novos beatos

Ainda neste ano, a Santa Igreja contará com mais seis bem-aventurados. De acordo com informação do Departamento das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice, estão aprovadas as seguintes cerimônias de beatificação:

Madre Maria Bárbara da Santíssima Trindade, fundadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, 9 de novembro, em Porto Alegre, Brasil; Frei Leopoldo de Alpandei, religioso capuchinho, 12 de setembro, em Granada, Espanha; Maria da Imaculada Conceição, Superiora Geral da Congregação das Irmãs da Companhia da Cruz, 18 de setembro, em Sevilha, Espanha; Chiara Badano, jovem leiga do Movimento dos Focolares, 25 de setembro, em Roma; Madre Ana Maria Adorni, fundadora da Congregação das Servas da Bem-aventurada Maria Imaculada e do Instituto do Bom Pastor de Parma, 3 de outubro, em Parma, Itália; Szilárd Bogdánffy, Bispo e mártir, 30 de outubro, em Oradea Mare, Romênia.

Arquidiocese de Toledo sedia X Congresso Eucarístico Nacional

De 27 a 30 de maio, realizou-se na Arquidiocese de Toledo o X Congresso Eucarístico Nacional da Espanha, iniciado com uma procissão conduzida pelo Presidente da Conferência Episcopal Espanhola e Arcebispo de Madri, Cardeal Antonio Rouco Varela.

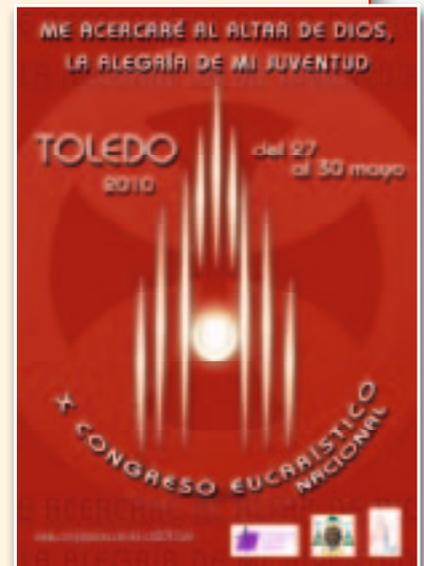
A Missa do dia seguinte foi celebrada pelo Arcebispo Primaz, Dom Braulio Rodríguez Plaza, segundo o tradicional Rito Mozárabe. Durante a homilia, Dom Braulio convidou os fiéis a “viver o triunfo da Cruz, que traz a paz e a autêntica e sincera caridade de Cristo”.

Na noite de sábado, dia 29, mais de 2 mil fiéis se concentraram na Igreja de Santa Maria la Blanca para acompa-

ñar o Santíssimo Sacramento em procissão até a Catedral Primaz, local escolhido para a Adoração noturna.

A solene Celebração Eucarística de encerramento foi presidida pelo Legado Pontifício, Cardeal Angelo Sodano, e concelebrada por seis outros purpurados e cerca de cinquenta Bispos.

Nos quatro dias que durou o Congresso, houve conferências e círculos de estudos dos quais participaram mais de mil sacerdotes, religiosas e leigos, ultrapassando as expectativas dos organizadores.



Fervor eucarístico e mariano em Lima

Um multitudinário encontro de fé, piedade e fervor: bem podemos assim definir o I Congresso Eucarístico e Mariano de Lima (CEM 2010), realizado de 29 de maio a 6 de junho na capital peruana, por iniciativa do seu Arcebispo, o Cardeal Juan Luis Cipriani Thorne.

Os atos se iniciaram com a Jornada de Consagração à Santíssima Virgem, durante a qual mais de 20 mil fiéis conduziram em procissão a imagem de Nossa Senhora da Evangelização até a Catedral de Lima, com cânticos e a recitação do Rosário (foto 1).

O dia seguinte, domingo, foi dedicado especialmente às famílias, que lotaram o Coliseo Mariscal Cáceres (foto 2). Na segunda-feira iniciou-se a Semana Eucarística Paroquial, durante a qual os fiéis se reuniam diariamente nas respectivas paróquias para participar da Adoração ao Santíssimo Sacramento e outros atos de piedade eucarística.

Paralelamente, transcorria no auditório do Colégio Santo Agostinho, de 1º a 3 de junho, o Simpósio Teológico, com a colaboração de conferencistas como o Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Cardeal Antonio Cañizares Llovera, a quem coube o tema *A Eucaristia, mistério de nossa fé*.

“Nossa participação ativa na Eucaristia não consiste em fazer muitas coisas — afirmou ele —, mas sim em que todo o nosso coração esteja voltado para o cumprimento da vontade do Pai, para viver na obediência a Ele”.

O Encontro com a Juventude foi o ato mais frequentado do Congresso. Os 100 mil jovens que acorreram ao Campo de Marte, no dia 1º de junho, foram exortados por seu “pai e pastor”, o Cardeal Juan Luis Cipriani Thorne, a procurarem sempre a santidade de vida. “Para isso — acrescentou — aproximem-se da Confissão. Deus, tão bom, deixou-nos esta maravilhosa forma de pedir perdão. Recebamos o Corpo de Cristo com a alma limpa!”.

Encerrou-se o Congresso com Missa e procissão do Santíssimo Sacramento (foto 3). Dez Bispos e numerosos sacerdotes concelebraram com o Cardeal Cipriani e mais de 90 mil fiéis participaram da Eucaristia (foto 4). Em sua homilia, o Purpurado pediu de modo especial pela paz no Peru, e incentivou seus ouvintes a se comprometerem na defesa da vida humana, desde o primeiro instante da concepção até a morte natural.

Dario Ialorenzi





Pequenos sacrifícios...

Jesus, que nunca se deixa vencer em generosidade, cumula de graças e bênçãos aqueles que oferecem em Sua honra algum sacrifício, por pequeno que ele seja.



Irmã Daniela Ayau Valladares, EP

Havia muitos anos que as Irmãs Marcelinas estavam estabelecidas na pitoresca Chambéry, bela cidade próxima aos Alpes franceses. Devotadas à educação cristã da juventude, davam formação às alunas externas, mas também tinham internato, para aquelas que viviam em lugares mais distantes ou queriam levar uma vida mais regrada.

Seu educandário era famoso em toda a Saboia pela qualidade do ensino, mas, sobretudo, pelo esmero com que as freiras procuravam conduzir as alunas pelas vias da virtude e a afetuosa disciplina com que lhes formavam o caráter.

Sebastião e Clara, distintos e honestos proprietários rurais vinícolas da região, tinham uma única filha, Judith, que era a alegria da casa. Piedosa e inteligente, a menina era também bastante precoce. Aprendera a ler com apenas cinco anos e tinha um pendor único para o estudo. Sabia todo o Catecismo de memória e, assim, já enfrentava pequenas dis-

cussões com outras crianças, sobre temas religiosos.

Os pais, percebendo os dons da filha, desejavam que tivesse a melhor formação possível. Por isso, logo depois da Primeira Comunhão, a matricularam nas Marcelinas de



“Tenha confiança! Tudo tem solução, desde que nos ponhamos nas mãos de Deus”

Chambéry, em regime de internato, uma vez que sua propriedade era afastada da cidade.

Nesta conceituada instituição, a menina não só brilhava nas aulas, como se encantava ao contemplar os atos de piedade das religiosas. Furtivamente as acompanhava durante o cântico do Ofício Divino, rezava o Rosário com elas, e jamais faltou à Missa da comunidade.

Certa vez, ficou sabendo que São Tomás de Aquino declarara haver aprendido muito mais em suas visitas ao Santíssimo Sacramento que estudando nos livros e, desde aquele momento, fez propósito de frequentar a capela sempre que fosse possível. Não era raro encontrá-la junto a Jesus Eucarístico, com seus cadernos e livros, ou fazendo as lições. Judith era uma criança realmente piedosa.

Nas férias, regressou ao lar. Seus pais ficaram muito satisfeitos com a cultura, a boa disposição e o trato afetuoso que a menina manifestava. Havia progredido a passos largos desde a última vez que a viram. Conversa-

va alegremente com todos, ajudava a mãe nas lides domésticas, cuidava dos animaizinhos e da horta, mas do que realmente gostava era de passear pelas vinhas ou pelo bosque, ou de refugiar-se em um recanto tranquilo para ler um livro interessante.

Quando retornou ao Colégio, ali lhe esperava uma surpresa: todas falavam de uma santa com a qual logo se identificaria. Era Santa Teresinha do Menino Jesus, a carmelita de Lisieux que havia sido canonizada não fazia muito tempo. Com ela, aprendera a oferecer pequenos sacrifícios, na certeza de que Jesus os aceitaria com todo amor. Assim, sempre que tinha algum aborrecimento com as companheiras, punha-o nas mãos de Nosso Senhor e logo sentia grande paz de alma.

Algumas semanas depois de ter começado o novo curso, em uma cinzenta tarde de outono, a superiora do Colégio, irmã Joana, chamou Judith na sala da diretoria. A menina se assustou pelo inesperado do fato. Caminhava pelos corredores fazendo um exame de consciência para saber que poderia haver feito de errado... Apesar de não ter encontrado nada que a acusasse, entrou na sala com apreensão.

A Madre, então, lhe disse:

— Minha pequena Judith, chamei-a aqui para dar-lhe uma notícia não muito boa. Mas tenha confiança! Tudo tem solução, desde que nos ponhamos nas mãos de Deus.

— Que notícia seria esta, Madre, que tanta preocupação lhe traz?

— Filha, recebi uma carta de seu pai, dizendo que tiveram um desastre financeiro e não mais poderão enviar a mensalidade para mantê-la estudando aqui no Colégio.

— Não pode ser! — exclamou a menina — Ajude-me, Madre! Aqui sou tão feliz...

— Escute — disse a superiora comovida. Está chegando a festa de Santa Teresinha. Ela sempre ofere-

cia pequenos sacrifícios a Jesus e Ele os recebia com todo afeto. Faça o mesmo que ela!

A resposta deixou a menina admirada. Parecia que a Madre tivesse lido em seu interior a grande devoção que já sentia por aquela humilde freira carmelita. Imediatamente depois de sair da sala, Judith dirigiu-se à capela. Ajoelhada aos pés do tabernáculo, pediu a Jesus que revertesse aquela situação. Deixar o Colégio significaria parar de estudar, ficar longe

das religiosas, mas também afastar-se daquele sacrário, diante do qual tantas e tantas graças recebera.

Cheia de confiança na intercessão de Santa Teresinha e animada pelas palavras da superiora, decidiu oferecer-lhe um pequeno sacrifício: até o dia da festa da santa não comeria como sobremesa nem queijo, nem doce, de que ela tanto gostava, a fim de que seu amado pai fosse socorrido em suas dificuldades e ela pudesse continuar no Colégio.

Chegou o dia da festa, durante o qual Judith sentiu-se inundada por uma suave alegria. Uma semana depois, a superiora mandou-a chamar novamente. Tinha chegado uma carta de seu pai, que dizia:

“Madre, tenho que dar muitas graças a Deus, porque um auxílio prodigioso e inesperado permitiu nossa família sair do apuro em que se encontrava. Para não preocupar minha filha Judith, ocultei na carta anterior a gravidade do momento pelo qual passávamos. Mas agora posso confidenciar que estávamos em vias de vender a propriedade onde nossa família habita, há mais de quatro séculos.



Edith Pettler

“Santa Teresinha sempre oferecia pequenos sacrifícios a Jesus, faça o mesmo que ela!”

“Resolvida a situação, apresse-me em comunicar-lhe que estou novamente em condições de honrar meus compromissos. Bem sei que a caridade das irmãs jamais teria deixado minha filha desamparada, mas considero um dever de justiça e gratidão contribuir, na medida das minhas possibilidades, com essa benemérita instituição. Por isso, o valor enviado desta vez é bem maior do que o acostumado”.

Madre Joana e Judith se olharam emocionadas e foram agradecer, diante do sacrário, a graça que, por intercessão de Santa Teresinha, o Menino Jesus havia-lhes concedido. E ali, falando muito baixinho, para não quebrar o recolhimento da igreja, a superiora disse à sua discípula:

— É preciso tirar desse episódio uma lição para toda a vida: os pequenos sacrifícios, quando oferecidos com amor, tocam a fundo o Coração de Jesus. E Ele, que nunca Se deixa vencer em generosidade, cumula de graças e bênçãos aqueles que os põem em Suas divinas mãos.

Deus jamais defrauda os que n’Ele depositam sua confiança! ✧

OS SANTOS DE CADA DIA

1. São Teodorico, presbítero (†533). Discípulo de São Remígio, que o ordenou sacerdote. Primeiro abade do mosteiro de Mont d'Or, nas cercanias de Reims, França.

2. Beata Eugênia Joubert, virgem (†1904). Religiosa da Congregação da Sagrada Família do Sagrado Coração, em Le-Puy-en-Velay, França. Dedicou-se à catequese e formação da juventude.

3. São Tomé, Apóstolo.

São Leão II, Papa (†683). Aprovou o III Concílio de Constantinopla. Afirmou a supremacia papal contra as repetidas tentativas dos patriarcas de Constantinopla de libertar-se da dependência de Roma.

4. Solenidade de São Pedro e São Paulo, Apóstolos (transferida do dia 29 de junho).

Santa Isabel de Portugal, rainha (†1336).

Beata Maria Crucifixa Curcio, religiosa (†1957). Fundou em Santa Marinella, perto de Roma, a Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus, desejando unir à espiritualidade carmelitana um aspecto missionário, com o objetivo de “trazer almas para Deus”.

5. Santo Antônio Maria Zaccaria, presbítero (†1539).

Santas Teresa Chen Jinxie e Rosa Chen Aixie, virgens e mártires (†1900). Durante a perseguição dos Bóxers, na China, morreram em defesa da virgindade.

6. Santa Maria Goretti, virgem e mártir (†1902).

São Paládio, Bispo (†432). Enviado pelo Papa Celestino I às Ilhas Britânicas para pregar aos gentios e combater a heresia pagã.

7. Beato Pedro To Rot, mártir (†1945). Pai de família e catequista do povoado de Rakunai, na Melanésia. Martirizado pelos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial por meio de injeção letal.

8. São Disibodo, eremita (†séc. VII). Eremita ao qual se juntaram vários discípulos, levando-o a fundar um mosteiro às margens do rio Nahe, Alemanha.



“Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus” - Convento de Santa Paulina, São Paulo

9. Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, virgem (†1942). Nascida na Itália, mudou-se para o Brasil quando ainda criança. Fundou em Nova Trento (SC) a Congregação das Filhas da Imaculada Conceição, para assistir os pobres e abandonados.

Beato Fidélis Chijnacki, mártir (†1942). Religioso capuchinho preso durante a ocupação da Polônia e enviado ao campo de concentração de Dachau.

10. São Pascário, Bispo (†séc. VII). Bispo de Nantes, França. Fun-

dou, na ilha de Indre, um mosteiro para acolher Santo Hermelando e os monges de Fontanelle.

11. XV Domingo do Tempo Comum.

São Bento, abade (†547).

Santa Olga de Kiev (†969). Princesa russa, avó do Rei São Vladimir. Sua conversão abriu as portas da Rússia para o cristianismo.

12. São Vivenciolo, Bispo (†cerca de 523). Na Diocese de Lyon, França, estimulou os clérigos e leigos a participarem do Concílio de Pau, para que os fiéis pudessem conhecer melhor as decisões pontifícias.

13. Santo Henrique, Imperador (†1024).

Santa Clélia Barbieri, virgem (†1870). Ardorosa devota da Eucaristia, fundou as Irmãs Mínimas de Nossa Senhora das Dores, dedicadas à catequese das moças pobres. O Papa João Paulo II a proclamou “padroeira dos catequistas”.

14. São Camilo de Lélis, presbítero (†1614).

Beato Ghebre Miguel, presbítero e mártir (†1855). Monge monofisista da Etiópia, converteu-se ao Catolicismo e ingressou na Congregação da Missão. Foi por isso submetido a inúmeros suplícios, até morrer.

15. São Boaventura, Bispo e doutor da Igreja (†1274).

Beato Ceslao de Polônia, presbítero (†1242). Recebeu o hábito dominicano das mãos do próprio São Domingos. Destacou-se por suas ardorosas pregações. Fundou os conventos de Praga e Breslávia.

16. Festa de Nossa Senhora do Carmo.

Beatos João Sugar, presbítero, e **Roberto Grissold**, mártires (†1604). Torturados e mortos durante o reinado de Jaime I da Inglaterra, o primeiro por exercer o ministério sacerdotal nesse país, e o segundo por tê-lo ajudado.

17. Bem-aventurado Inácio de Azevedo, presbítero, e **companheiros**, mártires (†1570).

Santa Marcelina, virgem (†séc. IV). Irmã de Santo Ambrósio. Recebeu o véu das virgens das mãos do Papa Libério.

18. XVI Domingo do Tempo Comum.

São Filastrio, Bispo (†cerca de 397). Bispo de Bréscia, uniu-se a Santo Ambrósio e Santo Agostinho no combate contra o arianismo.

19. São Bernoldo, Bispo (†1054). Em Utrecht, Holanda, construiu muitas igrejas e introduziu nos mosteiros a disciplina cluniacense.

20. Santo Apolinário, Bispo e mártir (†séc. II).

Santo Elias Tesbita. Profeta do Senhor durante o reinado de Acab. Censurou ao Povo Eleito por sua idolatria e desafiou os sacerdotes de Baal, em nome do único Deus verdadeiro. É considerado o fundador da Ordem Carmelita.

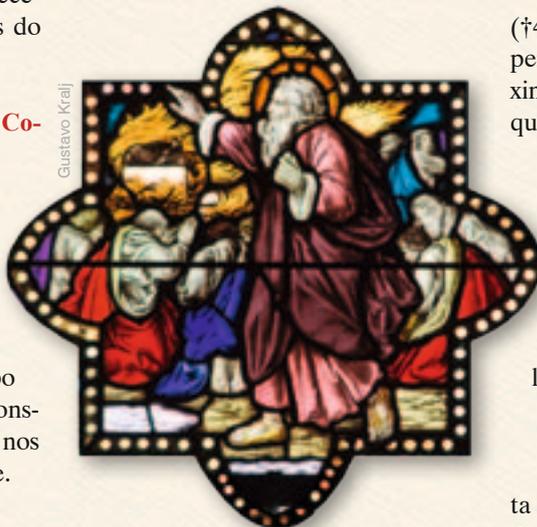
21. São Lourenço de Bríndisi, presbítero e doutor da Igreja (†1619). Religioso capuchinho, pregador infatigável contra os erros de turcos e protestantes, desempenhou também difíceis funções diplomáticas. Foi proclamado "*Doctor Apostolicus*" pelo Papa João XXIII.

22. Santa Maria Madalena.

Santo Anastásio, monge (†662). Discípulo de São Máximo Confessor, de quem foi companheiro no cárcere e nos suplícios. Morreu nas montanhas do Cáucaso, na atual Geórgia.

23. Santa Brígida, religiosa (†1373).

Beata Joana, virgem (†1306). Religiosa das Irmãs da Penitência de São Domingos, em Orvieto, Itália. Arduosa devota da Paixão do Senhor.



"Santo Elias Tesbita" - Vitral do convento carmelita de Niagara Falls (Canadá)

24. São Charbel Makhlof, presbítero (†1898).

Beata Ludovica, religiosa (†1503). Filha do Beato Amadeu, Duque de Saboia. Casou-se com Hugo, príncipe de Chalon, enviuvou-se ainda jovem, abandonou as honras e riquezas mundanas e fez-se Clarissa da reforma de Santa Coletta.

25. XVII Domingo do Tempo Comum.

São Tiago Maior, Apóstolo.

Beato João Soreth, presbítero (†1471). Prior Geral da Ordem do

Carmo durante vinte anos, restaurou a observância da regra nos conventos da Ordem. Obteve do Papa Clemente V a ereção canônica da Segunda e da Terceira Ordem Carmelitana.

26. São Joaquim e Sant'Ana, pais de Maria Santíssima.

Santo Erasto. Tesoureiro da cidade de Corinto, prestou importantes auxílios ao Apóstolo São Paulo.

27. São Simeão Estilita, monge (†459). Por muitos anos viveu como penitente sobre uma coluna nas proximidades de Antioquia, atual Turquia.

28. São Vitor I, Papa (†cerca de 200). Condenou várias heresias contra a Santíssima Trindade. Estabeleceu diversas normas canônicas, entre as quais o dia em que se deveria celebrar a Páscoa em toda a Igreja.

29. Santa Marta.

São Lázaro. Irmão de Santa Marta e Santa Maria. Acolheu o Senhor diversas vezes em sua residência de Betânia e por Ele foi ressuscitado após quatro dias de estar sepultado.

30. São Pedro Crisólogo, Bispo e doutor da Igreja (†450).

Santas Máxima, Donatila e Secunda, virgens e mártires (†304). Mortas na atual Tunísia durante as perseguições de Valério e Galiano, por se recusarem a queimar incenso aos ídolos.

31. Santo Inácio de Loyola, presbítero (†1556).

Beato Santiago Buch Canals, mártir (†1936). Religioso da Sociedade Salesiana, preso e morto em Valência durante a Guerra Civil Espanhola.

Estrelas, fogos e Paraíso

Ao contemplarmos o firmamento todo estrelado, ou presenciarmos uma magnífica demonstração da arte pirotécnica, lembremo-nos do Paraíso Celeste. Ele é infinitamente mais belo, e há nele um lugar para cada um de nós!



Marcelo Rezende Costa

Ao contemplarmos a abóbada celeste numa noite límpida e serena, nos encantamos com o belo cintilar das estrelas. Nossas cogitações se perdem na imensidão sideral e logo nos salta à mente uma interrogação: o que haverá nesse ilimitado espaço, além daquilo que nossa vista consegue alcançar? Ou: poderia o céu estrelado ser ainda mais esplendoroso?

Perguntas como estas se apresentam com facilidade ao espírito humano bem ordenado. Pois, tendo sido criado para Deus e para a felici-

dade eterna, deveria o homem passar a vida, nesta terra de exílio, à procura do infinito, da suprema perfeição, por assim dizer, sentindo saudades de um Paraíso que ele não conhece.

Por isso, depois de maravilhar-se na contemplação dos milhares de astros que luzem no firmamento, a tendência do homem é de “enriquecer” a obra da Criação. Põe-se ele, por exemplo, a imaginar como seria mais bela a abóbada celeste se variadas fossem as cores das estrelas... Mais ainda, se elas se parecessem a imensas pedras preciosas, co-

mo topázios, safiras, rubis, esmeraldas, turmalinas, a espargir cada qual seu brilho próprio.

* * *

Não estaria com a mente povoada dessas considerações o homem que inventou os fogos de artifício? É bem possível, pois Deus concedeu ao ser humano aspirações e aptidões pelas quais ele, de alguma forma, complementa a obra da Criação. É inegável que essa descoberta possibilitou iluminar a noite com sucessivas chuvas de coloridas estrelas cintilantes, formando um variegado conjunto que



nos enche de alegria, encanto e admiração.

Tal esplendor inspirou Georg Friedrich Händel a compor uma de suas mais conhecidas obras: *Music for the Royal Fireworks* (Música para os reais fogos de artifício), executada pela primeira vez em 1749, no Green Park, de Londres para celebrar o tratado de Aix-la-Chapelle.

* * *

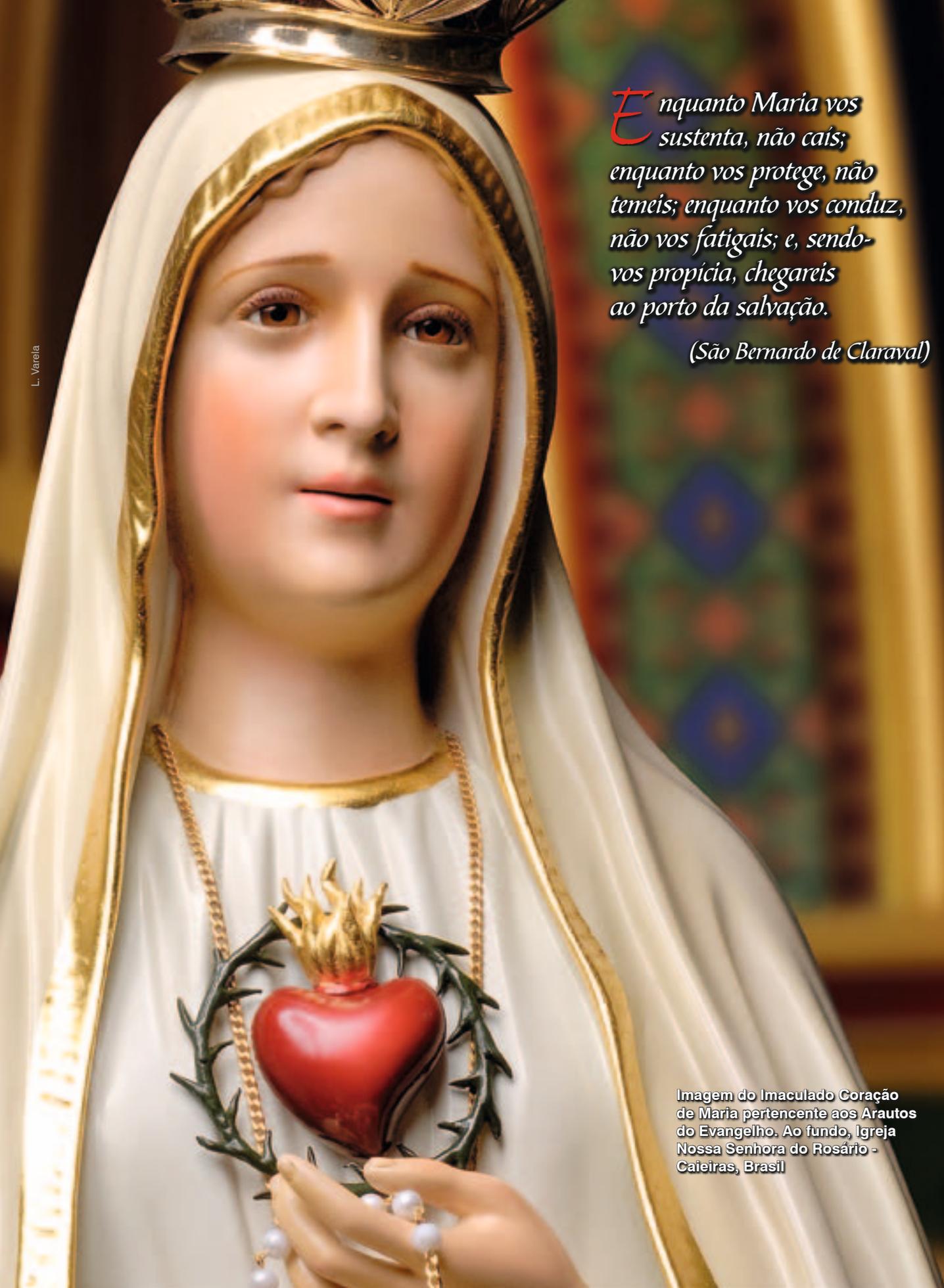
São magníficas, sem dúvida, as chuvas multicores dos fogos de artifício, que vão se sucedendo umas às outras. Mas quão efêmeras! É esplendorosa a abóbada celeste ponti-

lhada de estrelas luzentes. Contudo, quão distante está desse esplendor, o rude elemento material do qual são constituídas!

No entanto, é não só legítimo, mas também benéfico nosso encanto por umas e outras. Pois elas fazem o papel de “pista de decolagem”, nos remetendo para a consideração de uma realidade incomparavelmente superior: a do universo das almas bem-aventuradas. “Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu” (Gn 22, 17), foi a promessa divina a Abraão. E qual a verdadeira posteridade do grande

Patriarca, senão aquela formada pelos milhões e milhões de santos que, como afirmou Jesus, “resplandecerão como o sol” (Mt 13, 43) no Reino do Pai por toda a eternidade?

Nesse universo sobrenatural, todos nós, sem exceção, somos chamados a ser um reluzente astro. Assim, quando contemplarmos o firmamento estrelado, ou presenciarmos uma magnífica demonstração da arte pirotécnica, lembremo-nos desta animadora verdade: o Paraíso Celeste é infinitamente mais belo, e há nele um lugar para cada um de nós! ✧



L. Varela

Enquanto Maria vos sustenta, não caís; enquanto vos protege, não temeis; enquanto vos conduz, não vos fatigais; e, sendo-vos propícia, chegareis ao porto da salvação.

(São Bernardo de Claraval)

Imagem do Imaculado Coração de Maria pertencente aos Arautos do Evangelho. Ao fundo, Igreja Nossa Senhora do Rosário - Caieiras, Brasil